



SIMON SCARROW

# LEGIÃO

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina

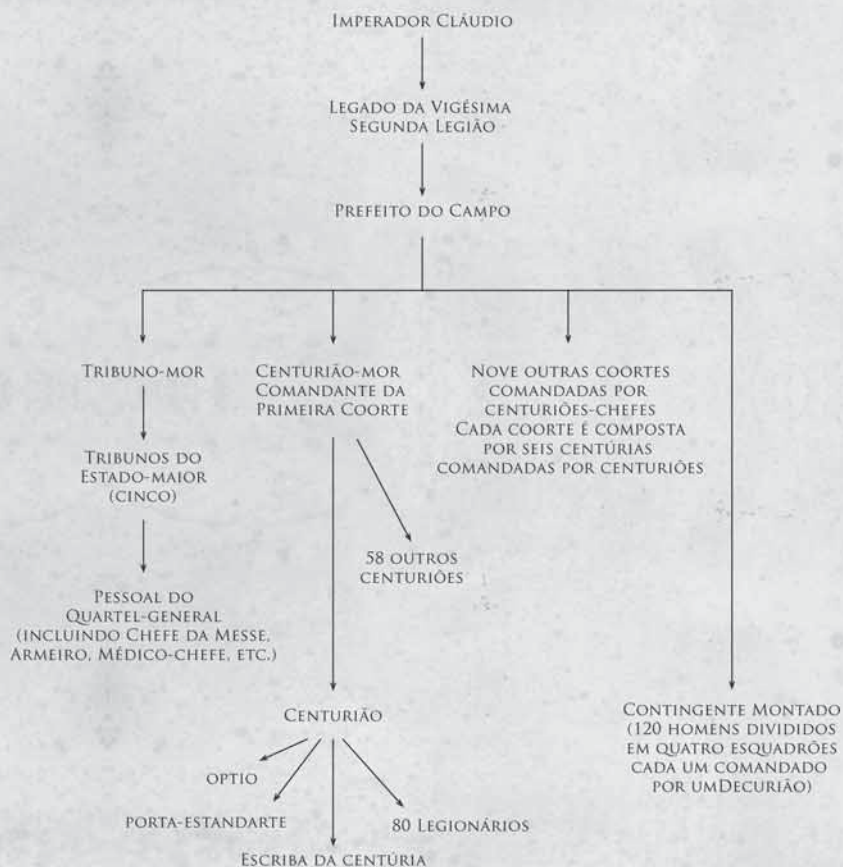


Para Ahmed (o líder dos Anjos) e Mustafa (o Escolhido)



Estou, como sempre, grato à minha esposa, Carolyn, por rever todos os textos à medida que eu ia trabalhando, e por me aturar durante o longo tempo que passei “perdido” neste livro. Obrigado também ao meu pai, Tony, por ter passado outro par de olhos sobre o manuscrito final. Muitos dos detalhes que criam o adequado pano de fundo para esta aventura foram obtidos durante várias viagens de pesquisa ao Egito em que segui o curso do Nilo. Os meus agradecimentos a Ahmed e Mustafa, por comigo terem partilhado o conhecimento que detêm sobre o seu fascinante país. Não há no mundo muitas nações que possuam uma herança tão rica e antiga, e eles têm por isso todos os motivos para se sentirem orgulhosos do Egito.

## A CADEIA DE COMANDO NO EXÉRCITO ROMANO



## A Organização de uma Legião Romana

A Vigésima Segunda Legião era composta por cerca de cinco mil e quinhentos homens. A unidade básica era a centúria, com oitenta homens comandados por um centurião, coadjuvado por um optio. A centúria dividia-se em secções de oito homens, os quais partilhavam um quarto numa caserna e uma tenda quando em campanha. Seis centúrias compunham uma coorte, e dez coortes constituíam uma legião, embora a primeira coorte tivesse o dobro do efetivo das outras. Cada legião era acompanhada por uma unidade de cavalaria com cento e vinte homens divididos por quatro esquadrões, que serviam como batedores e mensageiros. Em ordem decrescente de importância, as principais patentes na legião eram as seguintes:

O *legado* era um homem de uma família da classe equestre; nas legiões estacionadas fora do Egito, este posto era ocupado por alguém da classe senatorial, mais elevada. Um legado passava vários anos no comando de uma legião, esforçando-se por ganhar notoriedade, de forma a criar bases fortes para uma carreira política subsequente.

O *prefeito do campo* era um veterano que atingia o topo da carreira de um soldado profissional; teria previamente passado pelo posto de centurião-mor da legião.

Seis *tribunos* faziam as vezes de oficiais do estado-maior. Seriam homens de vinte e poucos anos, cumprindo um primeiro período de vida militar de forma a adquirirem alguma experiência de gestão, antes de ocuparem posições menores na administração civil. O tribuno-mor tinha outro estatuto. O seu destino era um elevado cargo político, e mais tarde o comando de uma legião.

Sessenta *centuriões* forneciam à legião uma verdadeira espinha dorsal, encarregando-se do treino e da disciplina dos homens. Eram escolhidos a dedo pelas suas capacidades de comando. O mais antigo destes centuriões comandava a Primeira Centúria da Primeira Coorte.

Os quatro *decuriões* da legião lideravam os esquadrões de cavalaria; para progredirem na carreira, tentavam a promoção ao comando de uma unidade de cavalaria auxiliar.

Cada centurião era assistido por um *optio*, que agia como um ordenan-

ça, com algumas responsabilidades de comando. Estes homens aguardavam que surgisse uma vaga no centurionato para poderem ser promovidos.

Abaixo dos *optios* ficavam os *legionários*, homens que se tinham alistado por um período de vinte e cinco anos. Em teoria, só os cidadãos romanos se podiam alistar, mas o recrutamento de populações nativas era crescente; nesse caso, esses homens viam ser-lhes atribuída a cidadania romana no preciso momento de entrada nas legiões.

Com um estatuto inferior aos legionários, havia os homens das *coortes auxiliares*. Estes eram recrutados nas províncias e forneciam ao Império Romano a cavalaria, infantaria ligeira e outras especialidades militares. A cidadania romana também lhes era outorgada, mas somente ao fim de vinte e cinco anos de serviço.



## A Marinha Imperial Romana

Os romanos iniciaram-se no combate naval tardiamente, e só criaram uma marinha permanente durante o reinado de Augusto (27 a.C. — 14 d.C.). A força principal estava dividida em duas esquadras, baseadas em Miseno e Ravena; havia frotas menores colocadas em Alexandria e noutros portos importantes ao longo do Mediterrâneo. Além de manter a ordem romana no mar alto, era à marinha que competia patrulhar os grandes rios do Império, tais como o Reno, o Danúbio e, evidentemente, o Nilo.

Cada esquadra era comandada por um *prefeito*. Não lhe era exigida prévia experiência naval, e o posto tinha um caráter principalmente administrativo.

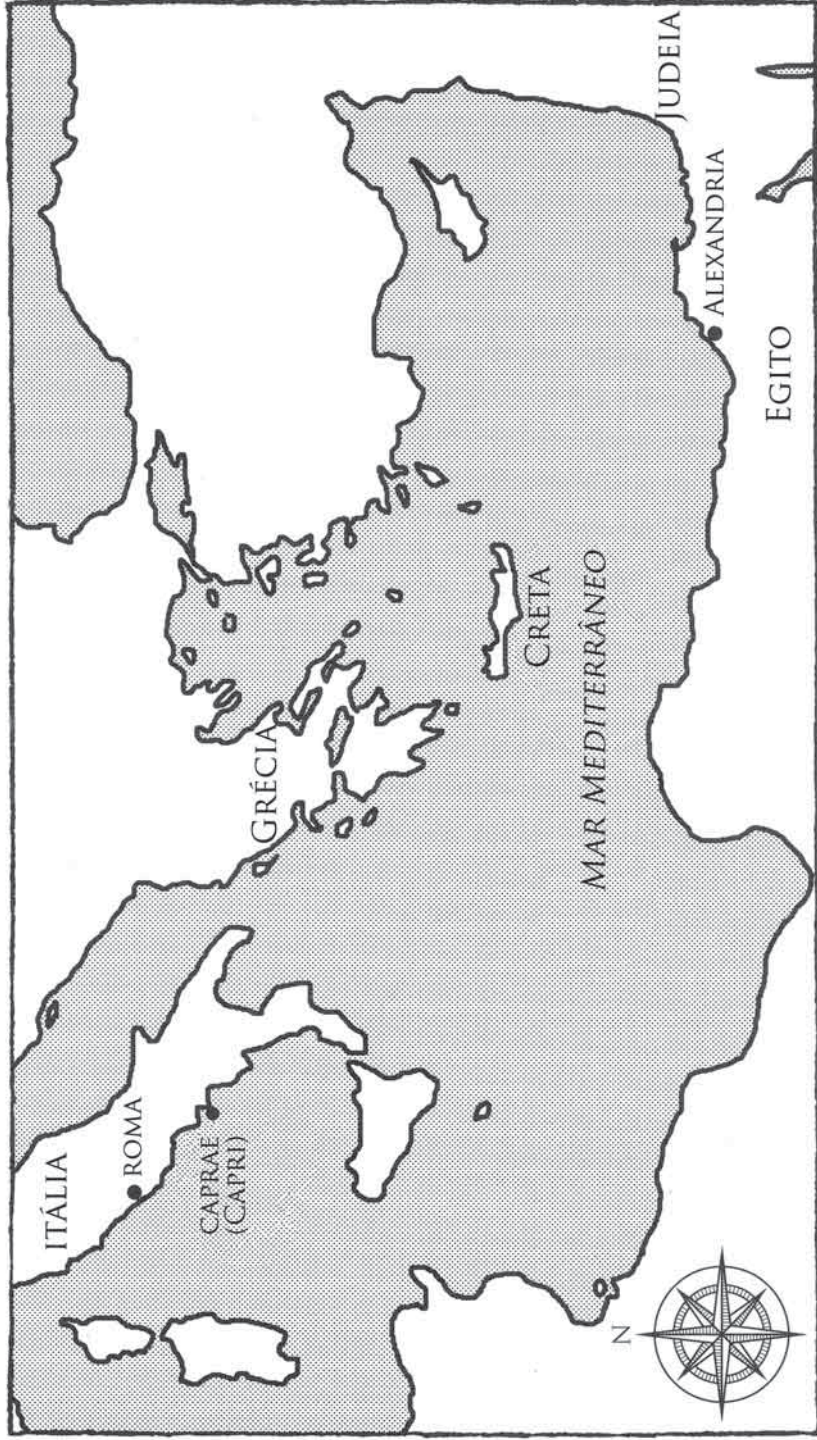
Nas patentes inferiores da marinha imperial era evidente a grande influência da prática naval grega. Os comandantes de esquadrão eram designados por *navarcas*, e cada um deles regia dez navios. Tal como os centuriões na legião, eram os oficiais de carreira da marinha. Se assim o desejassem, podiam pedir transferência para as legiões, onde seriam integrados com a patente de centurião. O mais velho dos navarcas de uma esquadra era conhecido como o *Navarchus Princeps*, e funcionava como o centurião mais antigo de uma legião, dando aconselhamento técnico ao prefeito sempre que tal lhe fosse pedido.

Cada um dos navios era comandado por um *trierarca*. Eram homens que, tal como os navarcas, provinham das fileiras, e eram responsáveis pelo funcionamento regular da sua embarcação. Porém, o seu papel não correspondia ao de um moderno capitão de um navio militar. Encarregavam-se de tudo o que dizia respeito à navegação, mas, em combate, o oficial mais importante a bordo era quem estivesse à frente do contingente de fuzileiros do navio.

Quanto aos navios, o tipo mais vulgar era uma galera de pequenas dimensões, adequada a patrulhas de curta duração, normalmente designada por *liburna*. Eram propulsionadas por velas ou remos, e levavam a bordo um número reduzido de fuzileiros. Na mesma classe estava a *birreme*, ligeiramente maior e com maior capacidade de combate. Os navios

mais pesados, trirremes, quadrirremes e quinquerremes, eram já raros na época em que se desenrola a ação deste livro, pouco mais do que relíquias de um tempo em que os combates navais tinham assumido outra importância.

# A ÁREA MEDITERRÂNICAMENTE SOB O IMPÉRIO ROMANO



# A PROVÍNCIA ROMANA DO EGITO NO SÉCULO I



Comandante da base de abastecimentos de Epichos tomava a refeição matinal quando o optio de serviço no turno da alvorada lhe veio fazer um relatório. Caía um chuvisco — a primeira chuva em muitos meses — desde o nascer do dia, e a capa do optio estava coberta de gotículas que faziam lembrar pequenas contas de vidro.

— Sétimo, o que se passa? — indagou o trierarca Filipe com ar enfadado, enquanto mergulhava um naco de pão na tigela de garo que tinha à frente. Era hábito fazer uma ronda matutina ao pequeno forte e depois regressar aos seus aposentos para tomar o pequeno-almoço, que detestava ver interrompido.

— Senhor, peço licença para anunciar que foi avistado um navio. Bordeja a costa, e dirige-se para aqui.

— Ora então, um navio? A passar por uma das vias marítimas mais frequentadas em todo o Império. — Respirou fundo para tentar disfarçar a impaciência. — E o vigia achou o caso invulgar?

— Senhor, é uma nave de guerra. E dirige-se à entrada da baía. — O optio escolheu ignorar o sarcasmo e continuou a falar no mesmo tom monocórdico que usava desde que o trierarca tinha assumido aquele posto, havia quase dois anos. A princípio Filipe tinha ficado maravilhado com aquela promoção. Passara anteriormente um longo período ao comando de uma esguia liburna, parte da frota de Alexandria, e acabara por ficar mais do que farto da absoluta falta de oportunidades que se deparavam a um oficial de baixa patente no comando de uma embarcação ligeira que raramente se aventurava para lá da entrada do porto oriental da cidade. A nomeação para a pequena base naval de Epichos dera-lhe independência, e no início Filipe tinha feito um real esforço para a transformar num modelo de eficiência. Mas quando os meses se começaram a acumular, sempre iguais, sem qualquer sinal de atividade, começou a tornar-se-lhe óbvio que tudo o que era pedido aos homens daquela base era que aprovisionassem as galeras ou outros navios imperiais que por vezes se dirigiam ao pequeno porto enquanto percorriam a costa do Egito. A outra única função que Filipe tinha de desempenhar era o envio regular de patrulhas pelo delta

do Nilo, para lembrar aos nativos que viviam sob o olhar atento dos seus senhores romanos.

E assim Filipe gastava os seus dias a comandar meia centúria de fuzileiros, e outros tantos marinheiros, que tripulavam uma velha birreme — o *Anúbis* — que em tempos fizera parte da frota que Cleópatra equipara para apoiar o seu amante Marco António na guerra que este travava contra Octaviano. Depois da derrota de António em Áccio, a birreme tinha passado a integrar a marinha romana, como parte da esquadra de Alexandria, até que fora decidido enviá-la para Epichos, para apodrecer na praia em frente ao fortim de tijolos de lama que dominava a baía.

Era um local desanimador, refletiu Filipe. A linha de costa do delta do Nilo era baixa e anónima, e a maior parte da baía era ladeada por mangais repletos de crocodilos, que se deixavam ficar a flutuar como troncos caídos até que uma presa distraída se aproximasse o suficiente para ser atacada num repente. O trierarca vivia na ânsia de uma aventura. Todavia, concluiu, o mais próximo que estaria dela naquele dia cinzento seria quando supervisionasse o embarque de biscoitos, água e das quantidades de cordame, vela ou madeiras necessárias ao navio que se aproximava. E era por isso que lhe tinham vindo interromper o pequeno-almoço.

— Um navio de guerra, então? — Filipe deu uma dentada no pão e mastigou. — Ora, provavelmente anda em patrulha.

— Não me parece, senhor — retorquiu o optio Sétimo. — Fui ver ao livro de registos da base, e não há nenhum navio esperado em Epichos durante pelo menos mais um mês.

— Bom, então terá sido enviado nalguma missão especial — prosseguiu Filipe, despreocupado. — E o capitão resolveu vir a terra para recolher água e rações.

— Senhor, não será melhor dar ordens para os homens se equiparem? Filipe olhou-o espantado.

— Porquê? Para que raio?

— Senhor, são as normas. O avistamento de um navio desconhecido implica que a guarnição seja colocada em estado de alerta.

— Não é um navio desconhecido, pois não? É uma galera militar. Ninguém mais possui uma marinha de guerra no Mediterrâneo Oriental. Portanto, trata-se de um navio dos nossos, não desconhecido, logo não há qualquer necessidade de incomodar a guarnição, optio.

Sétimo não desistiu.

— Senhor, de acordo com os regulamentos, se o navio avistado não tem chegada prevista, é designado como desconhecido.

— Os regulamentos? — Filipe encheu as bochechas de ar. — Olha, optio, se for notado qualquer sinal de hostilidade, podes ir chamar a guarni-

ção. Mas entretanto vai é informar o chefe da messe que se aproxima uma visita, e que ele e a sua equipa se devem preparar para a reabastecer. E agora, se me permites, vou mas é terminar o meu pequeno-almoço. Ala.

— Sim, senhor. — O optio colocou-se em sentido, fez a saudação e rodou sobre os calcanhares, percorrendo a curta arcada que levava à saída dos aposentos do comandante. Filipe suspirou. Sentia-se culpado pelo desdém com que tratara o homem. Sétimo era um bom oficial subalterno, eficiente, embora evidenciasse uma certa falta de criatividade. Tinha tido toda a razão em citar as normas de execução permanente, as regras que o próprio Filipe tinha redigido com toda a atenção ao detalhe nos primeiros tempos depois de nomeado para aquele posto, quando o entusiasmo pelo comando que lhe fora atribuído ainda lhe governava as ações.

Acabou com as últimas migalhas de pão, sorveu até ao fim o vinho diluído e levantou-se, para se dirigir ao quarto. Parou junto aos cabides na parede, e resolveu levar a placa peitoral e o capacete. Podia muito bem apresentar cumprimentos formais ao comandante do navio, e garantir que os abastecimentos lhe eram entregues de forma eficiente, para que ao menos chegasse ao comando da esquadra em Alexandria uma impressão favorável da sua atividade. Se mantivesse uma folha de serviços exemplar, havia sempre a possibilidade de se ver promovido para uma posição de maior prestígio, e deixar Epichos para sempre.

Apertou as tiras sob o queixo e ajustou o capacete, passou o cinto da espada à bandoleira e deixou os aposentos. O forte era pequeno, mal tinha cinquenta passos de lado. As muralhas de adobe tinham cerca de três metros de altura, e não constituiriam obstáculo de monta para um inimigo que decidisse atacar a base. E de qualquer maneira as próprias paredes estavam cheias de fendas e zonas a esboroarem-se, e facilmente seriam derrubadas. A realidade, porém, era que não havia qualquer ameaça, considerou Filipe. A marinha romana dominava os mares, e por terra o perigo mais próximo provinha do reino da Núbia, a centenas de quilómetros a sul; fora isso, só os bandos de salteadores árabes que surgiam de vez em quando para saquear as povoações mais isoladas do Alto Nilo.

Os aposentos do trierarca situavam-se numa das extremidades do forte, entre o celeiro e o armazém de materiais de reparação naval. Seis blocos de casernas ladeavam a via que percorria o centro do fortim e desembocava no portão fortificado. Um par de sentinelas colocou-se preguiçosamente em sentido quando ele se aproximou, e lá lhe fizeram o favor de apresentar armas quando passou por entre elas, saindo do forte. O céu estava agora limpo, mas havia uma fina bruma na baía que se tornava mais espessa junto ao mangal, dando ao emaranhado de canas, palmeiras e arbustos um aspecto vagamente fantasmagórico que perturbava Filipe nos primeiros tempos

no novo posto. Mas desde então tinha muitas vezes acompanhado as patrulhas fluviais, e tinha-se acostumado aos habituais nevoeiros matinais do delta do Nilo.

No exterior do forte estendia-se uma longa faixa arenosa que orlava a margem da baía até ao mangal. Na direção oposta, a praia era substituída por um terreno pedregoso que se projetava numa curva para o oceano, criando um esplêndido porto natural. Mesmo à frente do forte, a seco, jazia a birreme, a embarcação que pertencia à base. O carpinteiro-chefe da guarnição tinha-lhe dedicado muitos meses, e ele e os seus homens tinham substituído tábuas gastas e apodrecidas, aplicado piche no casco, e reparado mastros e cordame. O costado fora pintado, incluindo um elaborado desenho de olhos na proa. O navio estava agora pronto a regressar ao mar, mas Filipe duvidava sinceramente que aquele veterano de Accio pudesse voltar a enfrentar um combate. A curta distância do *Anúbis* erguia-se um pontão de madeira que entrava uns quarenta passos pela água dentro, para permitir aos navios visitantes a acostagem junto ao forte.

Embora o Sol ainda não se tivesse erguido acima da neblina, o ar já estava quente, e Filipe planeou despachar rapidamente as formalidades ligadas à chegada daquele navio, para poder remover a placa e o capacete. Virou-se e seguiu pelo caminho poeirento que levava ao posto de vigia. Era uma torre de pequenas dimensões, edificada sobre um dos afloramentos rochosos no promontório que servia de quebra-mar. Na ponta deste existia outra torre, mais sólida, que guardava a entrada do porto. Tinha quatro balistas montadas sobre as muralhas, e no centro um braseiro, de modo que qualquer navio inimigo que tentasse penetrar no canal de acesso ao ancoradouro se veria a braços com um bombardeamento de projéteis incendiários.

Quando chegou ao posto de vigia, Filipe entrou no abrigo térreo e deparou-se com três dos seus fuzileiros sentados num banco, a conversar com toda a calma enquanto comiam pão e peixe seco. Assim que o viram, ergueram-se e fizeram a saudação.

— À vontade, rapazes. — Filipe sorriu. — Quem foi o primeiro a avistar o navio?

— Eu, senhor — respondeu um dos fuzileiros.

— Muito bem, então, Hório, seguimos-te.

O homem largou o pão no prato de estanho, atravessou o interior da torre e subiu a escada que dava acesso à plataforma superior. O trierarca seguiu-o e emergiu junto a uma pilha de lenha, preparada para ser acesa a qualquer momento. Parte do espaço era protegido por um telheiro de ramagens de palmeira entrelaçadas. A sentinela que tinha tomado o lugar de Hório estava encostada ao corrimão de madeira gasta, e perscrutava o oceano. Filipe juntou-se aos dois homens e avaliou a embarcação que se



aproximava da entrada da baía. A tripulação estava entretida a recolher a vela, feita de peles de cabra tingidas de escarlate e decorada com as asas abertas de uma águia. Assim que a vela foi presa, viram-se os remos a ser projetados do costado e a mergulhar na ondulação fraca. Depois de uma curta pausa, percebeu-se que tinha sido dada a ordem para estabelecer uma cadência, e então os remos subiram, avançaram e mergulharam, forçando a água para trás e fazendo avançar o navio.

Filipe virou-se para Hório.

— De que direção vinha, antes de aproar a terra?

— Do ocidente, senhor.

O trierarca anuiu para si mesmo. Vinha portanto do lado de Alexandria. O que não deixava de ser estranho, uma vez que nenhuma galera tinha passagem prevista pelo posto durante pelo menos mais um mês, para deixar despachos e ordens, bem como a arca com o pagamento dos homens. Observou a embarcação a passar junto à torre de guarda à entrada do porto e a vogar sobre as águas calmas, a caminho do pontão. Conseguia perfeitamente ver os marinheiros e fuzileiros encostados à amurada, a apreciarem a vista da baía. Na torre de madeira na proa do navio avistava-se uma figura de elevada estatura com um capacete emplumado, de mãos apoiadas no parapeito enquanto perscrutava o pontão e o forte por trás dele.

Um movimento junto ao forte captou-lhe a atenção; avistou Sétimo e o chefe da messe, com uma pequena escolta de marinheiros, a dirigirem-se para o pontão.

— Bom, será melhor juntar-me à comissão de recepção — comentou para si mesmo. Deitou uma última olhadela à embarcação que cruzava a baía, uma imagem de graciosidade eficiente contra o fundo tranquilo do mangal distante. Virou-se por fim para descer as escadas.

Quando chegou à extremidade do pontão, já o navio tinha abrandado e a ordem para interromper a remada foi distintamente escutada pelos três oficiais e pelos marinheiros que se preparavam para acolher os visitantes. Os remadores mantiveram as pás mergulhadas, e a resistência da água depressa fez desaparecer o impulso que animava o navio para a frente.

— Recolher remos!

As madeiras entrechocaram-se com um som surdo, e os remos desapareceram através das aberturas no costado da liburna, que continuou a vogar, rodando de forma a alinhar-se com o pontão, graças ao esforço dos homens ao leme. Filipe conseguia agora distinguir claramente o oficial à proa: alto e de ombros largos, e mais novo do que ele esperava. Manteve-se impassível enquanto o seu trierarca dava ordens para os marinheiros prepararem os cabos de amarração. Enquanto o navio se aproximava do pontão, os cabos foram lançados por homens à proa, serpenteando

pelo ar até serem apanhados pelos homens de Filipe, que depois os usaram para puxar o navio, até que o costado se encostou a chiar aos molhos de canas entrelaçadas que protegiam dos embates os suportes do pontão. Outro cabo foi lançado à popa, e pouco depois o navio estava atracado em segurança.

O oficial desceu da torre e atravessou o convés enquanto os marinheiros abriam uma portinhola a bombordo e faziam descer uma prancha até ao pontão. Um destacamento de fuzileiros do navio tinha formado no convés, e o oficial acenou-lhes enquanto descia para o pontão. Filipe avançou para o saudar, estendendo a mão.

— Sou o comandante desta base, trierarca Filipe.

O oficial pegou-lhe na mão num aperto poderoso e acolheu a apresentação sem entusiasmo.

— Centurião Macro, destacado para a frota de Alexandria. Temos de falar, no teu quartel-general.

Filipe não evitou arregalar os olhos de surpresa, e deu conta dos olhares preocupados trocados entre os seus subordinados, ali mesmo ao lado.

— Falar? Aconteceu alguma coisa?

— As minhas ordens são para só discutir o assunto em privado. — O oficial acenou na direção dos outros homens no pontão. — Não em frente de outros. Indica o caminho, por favor.

Filipe ficou surpreso perante os modos bruscos do oficial mais jovem. O homem devia ter chegado de Roma havia pouco tempo, sem dúvida, e portanto estava ainda inclinado a tratar os militares locais com a arrogância típica da sua laia.

— Muito bem, centurião, por aqui.

Virou-se e começou a afastar-se ao longo do pontão.

— Um momento — pediu o centurião Macro. Voltou-se para os fuzileiros que esperavam no convés. — Venham comigo!

Desceram a prancha e formaram por trás do centurião; eram vinte fuzileiros bem armados, todos eles maciços e musculados. Filipe franziu o sobrolho. Tinha esperado limitar-se a trocar algumas amabilidades e notícias antes de dar ordens para o chefe da messe tratar de suprir as necessidades do navio. Não imaginara um encontro tão tenso. O que teria aquele oficial a comunicar-lhe de tão importante que tinha de ser dito em privado? Com uma pontada de ansiedade, perguntou-se se teria sido falsamente implicado nalgum crime ou conspiração. Fez um gesto para o oficial, para que o seguisse, e a pequena coluna dirigiu-se para terra firme. Filipe atrasou o passo até ficar ao lado do centurião e perguntou-lhe em voz baixa:

— Pode dizer-me a que se deve tudo isto?

— Sim, muito em breve. — O oficial olhou-o e soltou um ligeiro sorris-

so. — Nada que te deva preocupar, trierarca. Só preciso de te fazer algumas perguntas.

Filipe ficou longe de se sentir sossegado perante tal resposta, e manteve-se em silêncio até chegarem ao fim do pontão e continuarem em direção aos portões do forte. As sentinelas aprumaram-se quando os oficiais e fuzileiros se aproximaram.

— Calculo que não recebam muitas visitas aqui por estas bandas — comentou o centurião Macro.

— De facto, não — retorquiu Filipe, com alguma esperança de que aquele comentário começasse a revelar um aspeto mais conversador da personalidade aparentemente distante do interlocutor. — Uma patrulha naval de vez em quando, correios imperiais. Para lá disso, algumas embarcações danificadas em tempestades de inverno, e pronto. Epichos tem vindo a cair no esquecimento. Não me surpreenderia que o governador lá em Alexandria resolvesse reduzir a dimensão desta base.

O centurião lançou-lhe um olhar.

— Estás a ver se pescas alguma razão para a minha presença?

Filipe olhou para ele e encolheu os ombros.

— Evidentemente.

Tinham entrado no forte, e o centurião Macro deteve-se e olhou em redor. A base estava em completo sossego. A maior parte dos homens estava nas casernas. As sentinelas que tinham feito os turnos noturnos estavam a acabar a sua refeição matinal, para depois irem descansar. Outros homens estavam sentados por ali, a jogar aos dados ou a conversar calmamente. Os olhos atentos do centurião Macro absorveram todos os detalhes.

— Tens aqui um belo posto, calmo e tranquilo, Filipe. Bem escondido, também. Mas imagino que tenhas boas reservas de mantimentos.

Filipe assentiu.

— Sim, temos uma boa quantidade de cereais e todos os materiais que podem ser necessários a bordo. Não tem havido grande procura nos últimos tempos.

— Perfeito — murmurou o centurião Macro. Virou-se e acenou ligeiramente ao optio que comandava o grupo de fuzileiros que tinha desembarcado. — Karim, chegou o momento.

O optio assentiu e falou aos seus homens.

— Tratem deles.

Perante o olhar abismado de Filipe, quatro dos fuzileiros brandiram repentinamente as suas espadas e avançaram sobre as sentinelas do pontão. Estas mal tiveram tempo de se voltar quando escutaram o ruído feito pelos homens que se aproximavam, e logo foram abatidas numa fúria de golpes selváticos; não tiveram sequer hipótese de gritar um aviso. Filipe olhou hor-

rorizado enquanto os corpos se abatiam sobre o solo de ambos os lados do portão. Virou-se para o centurião Macro, incrédulo.

O outro sorriu-lhe. Ouviu um raspar metálico, adivinhou um movimento relampejante, e sentiu uma dor súbita no estômago, como se lhe tivessem dado um potente murro. Outro golpe deixou o trierarca em agonia. Olhou para baixo e viu a mão do outro homem cerrada no punho de uma adaga. À vista estava apenas um pequeno pedaço da lâmina, o resto desaparecia nas dobras da sua própria túnica, mesmo por baixo da placa peitoral. Uma mancha vermelha espalhava-se já pelo tecido, embora Filipe continuasse sem perceber bem o que se estava a passar. O centurião retorceu a lâmina, lacerando órgãos vitais. Filipe tentou respirar e agarrou o braço do outro com as duas mãos.

— O que é isto? O que está a fazer?

O centurião extraiu a faca, e Filipe sentiu o afluxo de sangue quente a jorrar da ferida. Largou o braço do outro quando sentiu as pernas a fraquejar, e tombou de joelhos, continuando a olhar para o centurião com um horror que o deixava mudo. Pelo portão avistava ainda os corpos das sentinelas e, para além deles, surgiu-lhe à vista um dos fuzileiros; à frente da entrada do forte, ergueu a espada três vezes no ar. Devia ser um sinal pré-combinado, percebeu Filipe, já que no momento seguinte um clamor vindo da liburna revelou que havia homens que tinham estado escondidos no convés, e que agora saltavam para o pontão. Filipe viu o chefe da messe tentar empunhar a espada mas ser subjugado e abatido num rápido faiscar de lâminas, e o optio e os marinheiros mais próximos depressa sofreram o mesmo destino. Estavam mortos antes mesmo de conseguirem desembainhar as suas armas. A massa de atacantes corria já pelo pontão e dirigia-se à entrada do forte.

Filipe deixou-se abater contra a parede da casa da guarda e desapertou a placa peitoral. Deixou o metal cair e fez pressão com as mãos sobre a ferida, enquanto soltava um gemido de dor. O oficial que o ferira mantinha-se por perto. Tinha guardado a adaga e gritava ordens aos homens que invadiam o forte, derrubando qualquer oposição. Moribundo, Filipe nada mais podia fazer do que contemplar os acontecimentos. Os seus homens, fuzileiros ou marinheiros, eram massacrados à frente dos seus olhos. Os que tinham estado a jogar dados junto às casernas, e outros que tinham vindo para o exterior ao primeiro sinal de confusão, estavam já mortos. Havia gritos abafados e imprecações no interior das casernas, sinal de que mais soldados estavam a ser mortos lá dentro. Ao fim da rua, um punhado de homens que tinha conseguido pegar em armas tentou deter os atacantes, mas não foram capazes de oferecer resistência de nota aos experientes adversários, que facilmente lhes ampararam os golpes e os aniquilaram.

O centurião olhou em redor do forte e anuiu para si mesmo, satisfeito, antes de se voltar e contemplar mais uma vez Filipe.

O trierarca limpou a garganta.

— Quem és tu?

— O que é que isso te importa? — O outro encolheu os ombros. — Estarás morto daqui a pouco. Pensa é nisso.

Filipe sacudiu a cabeça, tentando clarear a visão, cujos cantos já eram afetados por filamentos escuros que a escureciam, como uma teia que começasse a cobri-lo. Sentia-se zozno, e tinha as mãos cobertas de sangue enquanto tentava de forma infrutífera estancar a hemorragia que lhe drenava as forças. Humedeceu os lábios.

— Quem és?

O homem desapertou as correias do capacete e tirou-o, antes de se agachar ao lado de Filipe. Tinha o cabelo escuro e encaracolado, e a fina linha de uma antiga cicatriz atravessava-lhe a testa e a face. Ostentava um físico poderoso, e mostrava-se perfeitamente equilibrado enquanto se sentava sobre os calcanhares. Fixou o olhar nos olhos do centurião sem vacilar.

— Se de alguma forma te conforta dares um nome à morte, fica então a saber que foi Ajax, filho de Telémaco, o responsável pelo teu fim e pela destruição dos teus homens.

— Ajax — repetiu Filipe. Engoliu em seco e sussurrou uma pergunta: — Porquê?

— Porque tu és meu inimigo. Roma é minha inimiga. Hei de matar romanos até ser morto. Assim são as coisas. Prepara-te, chegou a tua hora.

Ergueu-se e brandiu a espada. Os olhos de Filipe esbugalharam-se de terror. Lançou para cima uma mão ensanguentada.

— Não!

Ajax franziu o sobrolho.

— Já estás morto. Tenta enfrentar o fim com alguma dignidade.

Depois de um momento de imobilidade, Filipe baixou a mão e virou a cabeça de lado, expondo a garganta. Cerrou os olhos com força. Ajax puxou atrás o braço, assestou a ponta da espada na cova da clavícula do trierarca, e empurrou a lâmina com toda a força. Arrancou-a de imediato, fazendo saltar um jato de líquido escarlate. Os olhos de Filipe abriram-se num repente, a boca descaiu e ele tentou dizer algo antes de se esvaír em sangue, os membros a tremer, até se imobilizar por completo. Ajax usou a manga da túnica do morto para limpar a espada, e voltou a colocá-la na bainha com um estalido metálico.

— Karim!

Um dos homens, um oriental de tez escura, apresentou-se em passo de corrida.

— Senhor?

— Leva cinco homens e passa o edificio a pente fino. Liquida os feridos e outros quaisquer que possam ter escapado. Levem os corpos para o outro lado da baía e despejem-nos no mangal. Os crocodilos encarregar-se-ão de os fazer desaparecer.

Karim anuiu, mas ao olhar por cima da cabeça do seu líder, esticou um braço, apontando.

— Olha!

Ajax virou-se e avistou uma fina coluna de fumo que subia para o céu límpido, para lá da muralha do forte.

— É a torre de vigia. Acenderam o sinal. — Olhou rapidamente em redor e chamou dois dos seus lugares-tenente. Dirigiu-se primeiro a um núbio alto e musculado. — Hépito, leva o teu grupo até lá, e depressa. Liquida-os e apaga imediatamente o fogo. Canto, ocupa-te da torre à entrada da baía.

Hépito assentiu e desatou a correr para o portão enquanto berrava ordens aos seus homens para que o seguissem. O outro homem, Canto, tinha tez morena e fora em tempos um ator em Roma, antes de se ver condenado à arena por ter seduzido a esposa de um proeminente e vingativo senador. Sorriu a Ajax e acenou ao seu grupo para o acompanhar. Ajax desviou-se ligeiramente para os deixar passar, antes de se dirigir aos degraus de madeira que davam acesso à muralha, pelo interior do torreão. Emergiu rapidamente na plataforma sobre o portão. Avaliou a base, notando a posição do forte em relação à baía, e as pequenas embarcações para patrulhas fluviais puxadas para a praia junto ao começo do mangal, onde um braço de rio dava acesso ao interior. Olhou para o outro lado a tempo de ver Hépito e os seus homens a irromperem pelo posto de vigia e a extinguirem o sinal. A coluna de fumo que manchava o céu começou de imediato a desvanecer-se.

Ajax coçou os pelos que lhe cresciam no queixo, enquanto ponderava a situação. Havia meses que ele e os seus homens fugiam dos romanos que os perseguiam. Tinham-se visto obrigados a procurar enseadas isoladas na costa e a perscrutar constantemente o horizonte, sempre atentos a qualquer sinal do inimigo. Quando os víveres escasseavam, o navio fazia rápidas surtidas para capturar navios mercantes isolados, e para atacar pequenas povoações costeiras. Em duas ocasiões tinham avistado navios da marinha romana. Da primeira vez os romanos tinham virado de bordo para os perseguir e tinham-nos seguido mesmo depois de cair a noite, até que os fugitivos tinham mudado de rota, voltando para trás e acabando por despistar os perseguidores já nascia a alvorada. Na ocasião seguinte, Ajax tinha-se visto obrigado a manter vigilância numa ilha rochosa enquanto duas naves de

guerra passavam pela enseada escondida onde a sua embarcação tinha sido ocultada, com o mastro disfarçado por ramagens de palmeira a ele atadas.

A tensão de passar tanto tempo em fuga tinha-se feito sentir entre os seus seguidores. Ainda lhe eram leais, e obedeciam às ordens sem as questionar, mas Ajax tinha consciência de que alguns começavam a perder a esperança. Não se podia esperar que aguentassem eternamente o medo, quotidianamente renovado, de serem capturados e crucificados. Precisavam de um novo propósito, como o que tinham tido em mente quando o tinham seguido durante a revolta de escravos em Creta. Olhou em redor para a base e anuiu para si mesmo, satisfeito. Tinha agora uma segunda embarcação, e reservas de alimentos e equipamento que dariam para muitos meses. E aquele posto era uma base perfeita para prosseguir a sua luta contra o Império Romano. A sua expressão endureceu ao recordar todo o sofrimento que Roma lhe tinha infligido, bem como aos seus seguidores. Anos de escravidão, os perigos da vida como gladiador. Mais uma vez decidiu que Roma tinha de pagar por tudo o que fizera. E enquanto os seus homens estivessem decididos a segui-lo, não daria descanso aos seus inimigos.

— Por agora, perfeito — disse a si mesmo em tom calmo, enquanto continuava a contemplar a base romana. — Isto vai servir mesmo muito bem.

O centurião Macro lançou as pernas sobre a borda do estrado e espreguiçou-se enquanto lançava um grunhido, antes de se pôr cautelosamente em pé. Apesar de ser baixo e entroncado, tinha de andar de pescoço dobrado, para não bater com a cabeça nas pesadas tábuas do convés que ali faziam a vez de teto. A cabina, alojada no canto da popa de um navio de guerra, era acanhada. Pouco mais cabia nela do que a cama, uma pequena mesa com uma arca por baixo, e uns cabides para a túnica, armadura, capacete e espada. Coçou o traseiro através do tecido da tanga e bocejou.

— Merda de galeras — resmungou. — Quem é que, no seu perfeito juízo, alguma vez se ofereceria para a marinha?

Havia já mais de dois meses que estava a bordo, e começava a duvidar de que a pequena força que tinha sido enviada em perseguição do gladiador e dos seus seguidores sobreviventes alguma vez viesse a descobri-los. Já passara mais de um mês desde a última vez que o navio de Ajax fora avistado, ao largo do Egito. Tinham-no seguido, e num dado momento tinham mesmo descortinado uma vela no horizonte, mas durante a noite que se seguira tinham perdido o contacto. E desde então a busca tinha-se revelado infrutífera. Os dois navios romanos tinham varrido a costa africana, chegando a Lepcis Magna antes de inverterem o rumo e seguirem para leste, sempre atentos ao mais pequeno sinal de Ajax e dos seus homens. Dois dias antes tinham passado ao largo de Alexandria, com as provisões quase gastas, mas Cato — o prefeito que comandava a missão — continuava decidido a levar os homens até ao limite antes de interromper a perseguição para reaprovisionar os navios. E por isso ali estava o centurião Macro, esfomeado, frustrado e completamente farto daquela história sem fim à vista.

Enfiou a túnica pela cabeça e subiu as estreitas escadas de acesso ao convés. Ia descalço, já que rapidamente tinha compreendido que havia inúmeras desvantagens no uso de botas militares a bordo. As tábuas polidas do convés revelavam-se extremamente escorregadias quando molhadas, pelo que Macro e os outros soldados se viam aflitos para manter o equilíbrio em cima de solas cardadas. Tinham sido colocadas a bordo duas centúrias de legionários, para reforçar os contingentes de fuzileiros; uma medida neces-



sária, já que Ajax e os seus homens, muitos dos quais antigos gladiadores, como o seu líder, já tinham mostrado que estavam perfeitamente ao nível dos melhores soldados do exército romano.

Assim que avistou Macro a sair para o convés, o trierarca aproximou-se e lançou-lhe uma saudação.

— Senhor, está uma bela manhã.

— Ah, sim? — resmungou Macro. — Aqui estou eu, num navio minúsculo e a abarrotar de gente, rodeado por esta maldita sopa salgada, nem um jarrito de vinho para me fazer companhia. Não vejo nada de belo na situação.

O trierarca, Polemo, cerrou os lábios e olhou em redor. O céu estava praticamente limpo, à exceção de uns brilhantes farrapos de nuvens que vogavam no zénite. Soprava uma brisa constante e agradável, que mantinha a vela perfeitamente enfunada, com uma curva como a barriga de um conviva satisfeito depois de um banquete, e a ondulação era gentil, mantendo o navio num ritmo de sobe-e-desce constante e confortável. À direita estendia-se uma pachorrenta fita castanha, a costa distante. Do outro lado, o horizonte estava desimpedido. Um quarto de milha à frente seguia o outro navio, que deixava uma esteira de água esbranquiçada. Feitas as contas, pouco mais podia um marinheiro desejar, considerou o trierarca.

— Alguma novidade? — indagou Macro.

— Sim, senhor. Abrimos hoje a última barrica de carne de borrego salgada. O biscoito acaba amanhã, e as rações de água foram já reduzidas a metade. — O trierarca evitou cuidadosamente qualquer sugestão quanto à difícil situação das provisões. A decisão sobre o caminho a seguir não lhe cabia, nem sequer a Macro. Era ao prefeito apenas que competia dar as ordens para se dirigirem ao porto mais próximo e embarcarem os produtos necessários para prosseguir viagem.

— Hmmm. — Macro franziu o sobrolho. Os dois homens lançaram um olhar simultâneo à outra embarcação, como se tentassem ler a mente do prefeito Cato. O prefeito tinha conduzido a perseguição como um homem obcecado, que nada mais via nem considerava. Macro entendia perfeitamente essa obsessão. Já servia com Cato havia alguns anos, e até muito recentemente fora seu superior hierárquico. A promoção de Cato tinha sido merecida, e Macro aceitava o facto sem problemas, mas ainda sentia alguma estranheza na inversão da relação entre ambos. Cato ainda andava pelos vinte e poucos anos, e era uma figura magra e seca que não revelava a dureza e coragem do espírito que a habitava. Além disso, tinha miolos, miolos que em muitas ocasiões lhes tinham permitido esgueirar-se por entre os muitos perigos que tinham enfrentado nos últimos anos. Se

Macro se visse um dia forçado a escolher um homem a quem seguir, seria por certo alguém como Cato. O veterano tinha passado quase quinze anos na legião antes de ser promovido a centurião, e tinha acumulado experiência suficiente para lhe permitir reconhecer o potencial de outros homens; e ainda assim tinha-se equivocado acerca de Cato, reconheceu com um sorriso triste. Quando o jovem surgira no forte ocupado pela Segunda Legião na fronteira do Reno, Macro tinha considerado que aquele miúdo magricela poucas hipóteses tinha de sobreviver ao treino que o esperava. Mas Cato desmentira-o categoricamente. Tinha revelado determinação, inteligência e, acima de tudo, coragem, e tinha-lhe salvo a vida logo na primeira escaramuça em que se vira envolvido, frente a uma tribo germânica que resolvera atravessar o grande rio que marcava a fronteira do Império. Desde então, Cato tinha provado uma vez e outra que era um soldado de primeira classe, bem como o maior e mais próximo amigo que Macro alguma vez tivera. E agora tinha chegado a prefeito, e era pela primeira vez superior hierárquico de Macro. Era uma situação nova, com que os dois homens continuavam a debater-se.

A determinação que o prefeito mostrava na caça a Ajax era tanto motivada pelo desejo de vingança como pela necessidade de cumprir as ordens que recebera. Apesar de lhe ter sido pedido que, se possível, capturasse Ajax vivo e o levasse acorrentado para Roma, Cato não se mostrava muito inclinado para aceder a essa pretensão. Durante a revolta dos escravos em Creta, Ajax tinha capturado a mulher que estava prometida ao jovem prefeito. Júlia tinha sido mantida numa jaula, no meio da sua própria imundície, coberta apenas por trapos, enquanto Ajax a atormentava com promessas de tortura e morte. Macro fora capturado na mesma ocasião e partilhara a jaula com a jovem, e o seu desejo de vingança era quase tão grande como o do seu superior.

O trierarca pigarreou.

— Senhor, acha que será hoje que teremos ordens para aproarmos a terra e recolhermos mantimentos?

— Quem sabe? — Macro encolheu os ombros. — Depois do pequeno incidente de ontem, já não tenho certezas.

O trierarca assentiu. Ao fim do dia anterior, as duas embarcações tinham-se dirigido a uma pequena aldeia costeira, com o objetivo de ancorar para passar a noite. Ao aproximarem-se da costa, tinham observado com espanto a forma como os habitantes das míseras cabanas de adobe fugiam, levando tudo o que tinham de valor e a maior quantidade de mantimentos que conseguiam carregar. Um grupo de legionários tinha vasculhado cuidadosamente a aldeia, e tinha regressado ao navio de mãos a abanar. Ninguém ficara para trás, e se havia comida, tinha sido escondida

com todo o cuidado. O único sinal de algo extraordinário na aldeia eram várias sepulturas recentes, bem como as ruínas calcinadas de alguns edifícios. Sem ninguém a quem interrogar, os legionários tinham regressado aos navios, que durante a noite tinham sido atacados com fundas. Macro avistara apenas alguns vultos escuros recortados contra o fundo mais claro da praia. Os impactos de projéteis nos cascos e sobre as cobertas e os mergulhos da metralha no mar tinham prosseguido durante toda a noite. Dois dos fuzileiros tinham sofrido ferimentos antes de terem sido dadas ordens para os homens se protegerem. O ataque terminara antes da madrugada, e os dois navios tinham largado o pano ao alvorecer para prosseguir a sua busca.

— Ó do convés! — gritou o vigia no cimo do mastro. — O *Sobek* está a deixar passar o vento!

O trierarca e Macro olharam para a frente ao mesmo tempo. A vela do outro navio dançava ao vento, depois de a tripulação a ter soltado, fazendo diminuir a velocidade da embarcação.

— Ao que parece, o prefeito quer conferenciar — sugeriu o trierarca.

— Depressa o saberemos. Coloca-nos a par com eles — ordenou Macro. Depois virou-se e regressou à cabina para apanhar a espada e a vareta, bem como calçar as botas, de forma a surgir mais apresentável à frente do superior. Quando regressou ao convés, já o seu navio, o *Íbis*, se aproximava da amurada do outro. Avistou Cato à ré, a colocar as mãos em concha e a chamar.

— Centurião Macro! Venha a bordo!

— Sim, senhor! — respondeu Macro, e acenou ao trierarca. — Polemo, vou precisar do bote.

— Sim, senhor. — O oficial virou-se para os tripulantes, dando ordens para retirar o bote do recanto no convés onde estava preso. Vários marinheiros puxaram uma corda que passava por uma roldana, enquanto outros ajeitavam a pequena embarcação de forma a passar sobre a amurada e a descer para a superfície da água. Seis homens desceram e pegaram nos remos, e só então Macro desceu pela escada de corda, encaminhando-se cuidadosamente para a popa e sentando-se de imediato. No momento seguinte o bote pôs-se em andamento e os marinheiros esforçaram-se aos remos, dirigindo-o para o *Sobek*. Ao aproximarem-se, um dos homens baixou o remo, pegou num gancho e puxou o laço da corda dependurada da amurada. Macro pôs-se de pé, tentou estabilizar-se e esperou que o bote subisse com a ondulação para se atirar para a escada de corda estendida no costado do *Sobek*. Subiu rapidamente, antes que a vaga seguinte o pudesse alcançar. Cato esperava-o.

— Venha comigo.

Dirigiram-se para a proa, onde Cato deu uma ordem seca a dois marinheiros para se retirarem, de forma a que os dois oficiais pudessem conversar sem serem escutados. Macro sentiu-se preocupado ao reparar no aspeto emaciado do amigo. Tinham passado alguns dias desde a última vez que tinham estado cara a cara, e Macro voltou a reparar nas olheiras que o jovem exhibia. Cato inclinou-se para a frente, descansando um cotovelo na espessa viga de uma antepara, enquanto se virava para Macro.

— Como estão de mantimentos no *Íbis*?

— Ainda aguentamos uns dois dias, se reduzir a ração de água dos homens para um quarto. Depois disso, mesmo que encontremos o Ajax, os homens já não estarão em condições de combater, senhor.

Um traço de irritação atravessou o rosto de Cato quando ouviu Macro tratá-lo como superior hierárquico. Tossicou.

— Ouça, Macro, pode muito bem esquecer o “senhor” quando ninguém nos está a ouvir. Conhecemo-nos suficientemente bem para isso.

Macro olhou em redor, avaliando a presença dos homens espalhados pelo convés, e virou-se para o jovem.

— Bem, meu caro, a verdade é que agora és um prefeito, e os homens esperam que eu te trate como tal.

— Sem dúvida. Mas quando precisar de falar consigo com toda a franqueza, em privado, é como amigos que conversamos, está bem?

— Isso é uma ordem? — retorquiu Macro em tom austero, mas os lábios não conseguiram manter-se firmes e traíram a sua verdadeira e divertida disposição. Cato rebolou os olhos.

— Ora, poupe-me aos sentimentos feridos de um antigo colega centurião, sim?

Macro anuiu e sorriu.

— Muito bem então. Qual é o plano?

Embora esgotado, Cato fez um esforço de concentração.

— A pista do Ajax arrefeceu. E os homens precisam de descanso.

— E não são os únicos. Devias olhar para ti.

Cato ignorou o comentário e prosseguiu.

— Ambos os navios estão praticamente sem mantimentos. Vamos virar de bordo e rumar para Alexandria. Estamos a uns três dias do porto, portanto temos de encontrar algum lugar onde possamos obter água e rações. Só espero não ter a mesma receção de ontem. — Franziu o cenho e abanou a cabeça. — Aquilo foi muito estranho.

— Talvez tenham pensado que éramos coletores de impostos. — Macro encolheu os ombros. — Não posso dizer que a hospitalidade dos nativos me impressione por aí além. Espero bem que nos deem melhor tratamento em Alexandria. Se todos os monhés forem tão amigáveis como aquele

bando, ficarei bem contente quando esta perseguição terminar e pudermos voltar para Roma.

— Isso pode ainda estar bem distante, Macro. As ordens que recebemos são claras. Temos de destruir o Ajax, a qualquer preço, leve o tempo que levar. E será isso que tentaremos fazer, pelo menos até recebermos novas ordens. Nenhuma província romana, nem sequer o Imperador Cláudio, se podem permitir descansar enquanto o Ajax e os seus homens estiverem livres. Viu de perto como ele é capaz de inspirar os que o seguem. Se ele voltasse a erguer o estandarte da revolta algures no Império, os escravos depressa se lhe juntariam, e em massa. Enquanto ele viver, será uma tremenda ameaça para o Império. Se Roma cair, será o caos, e todos os que viveram até hoje sob a proteção das legiões, homens livres e escravos, sofrerão às mãos de invasores bárbaros. E é por isso que temos de o encontrar e aniquilar. Além disso, temos contas pessoais a ajustar com ele, eu e você.

— Seja, tens razão. Mas, e se ele conseguiu enganar-nos? O Ajax pode estar em qualquer lado. Pode estar na outra ponta do Mediterrâneo, ou lá para cima, para o Mar Negro. Até pode ter abandonado o navio e ter-se introduzido por África dentro. E nesse caso temos tantas hipóteses de o encontrarmos como as de darmos com um advogado honesto na Subura lá em Roma. E por falar nisso, tu tens uma bela razão para querer regressar o mais depressa possível. — Macro baixou o tom de voz. — Depois de tudo o que sucedeu, a Júlia precisa de te ter ao seu lado.

Cato olhou para longe, para as profundezas azuis do oceano.

— Macro, a Júlia tem estado no meu pensamento quase todos os dias. Penso nela, e depois lembro-me dela naquela jaula imunda em que o Ajax vos manteve aos dois. Imaginar o que ela passou atormenta-me o espírito.

— Passei pela mesma coisa — relembrou Macro em tom calmo. — E ainda aqui estou. O mesmo Macro de sempre.

Cato encarou-o com intensidade, de forma quase feroz.

— Será? Às vezes...

— O que queres dizer com isso?

— Macro, conheço-o bem, sou capaz de ver o azedume que o preenche.

— Azedume? E porque não? Depois de tudo o que aquele cabrão nos fez passar.

— E o que é que ele vos fez passar? Exatamente? Nunca me contou grande coisa. E a Júlia também não, antes de deixarmos Creta.

Macro observou o amigo com atenção.

— E perguntaste-lhe?

— Não... Não a quis obrigar a reviver aquele terror.

— Ou será que foste tu quem não quis de facto saber? — Macro aba-

nou a cabeça com pesar. — Não perguntaste, e eis-te agora forçado a imaginar. Não é isso?

Cato aguentou-lhe o olhar, mas acabou por anuir.

— Sim, é mais ou menos isso; isso e o facto de não ter feito nada para vos ajudar.

— Não havia nada a fazer. Nada. — Macro descansou os cotovelos sobre a amurada. — Cato, não te culpes. Isso não vai levar a nada. Não te vai ajudar a apanhar o Ajax. Além disso, tudo o que precisas de saber é que a Júlia é uma mulher forte. Por muito que tenha passado, dá-lhe algum tempo e ela há de superar isso.

— Como você?

— Eu resolverei isto à minha própria maneira — ripostou Macro com firmeza. — Se aos deuses aprouver colocar o Ajax no meu caminho, hei de cortá-los rentes e fazê-lo engolir os próprios tomates antes de acabar com ele. Juro-o, por todos os deuses a que alguma vez ofereci uma prece.

Cato arqueou as sobrancelhas e soltou uma risada seca.

— Bem, ao que parece conseguiu mesmo mandar o assunto para trás das costas.

Macro fez uma careta.

— Hei de conseguir, quando esta história estiver terminada.

— E até lá?

— Não descansamos até cumprirmos as ordens recebidas.

— Ótimo. Está decidido então. — Cato espreguiçou-se. — Será melhor dar as ordens para virarmos e seguirmos para Alexandria.

Macro colocou-se em sentido e fez uma continência.

— Sim, senhor.

O momento de companheirismo acabara, percebeu Cato com tristeza. Voltavam a ser prefeito e centurião. Acenou a Macro e ergueu a voz, como se fosse um ator a declamar em frente de uma audiência.

— Muito bem, centurião. Regresse ao seu navio e siga o *Sobek*.

Regressaram para o convés principal e estavam quase junto à base do mastro quando escutaram a voz do vigia.

— Vela à vista!

Cato estacou e inclinou a cabeça para trás.

— De que direção?

O vigia apontou na direção da proa e a bombordo para o horizonte azul.

— Além, senhor. Um casco baixo. A umas oito, talvez dez milhas.

Cato virou-se para Macro com a excitação no olhar.

— Esperemos que seja o nosso homem.

— Duvido — retorqui Macro. — Mas quem quer que seja pode ter avistado ou ouvido falar do Ajax.

— Para mim isso basta. Regresse ao seu navio e mande içar todo o pano. Eu aproximo-me dele pelo lado do mar, e vocês pelo lado da costa. Não terá para onde escapar, seja ele quem for.

O navio não esboçou nenhuma tentativa de evitar as duas naves de guerra; parecia estar à deriva no mar, sem qualquer rumo definido. Enquanto a tripulação recolhia as velas e usava os remos para fazer a manobra de aproximação, Cato percebeu que a vela do outro barco estava solta e dançava ao sabor do vento. Os cabos deviam ter sido cortados ou tinham-se partido, considerou. O navio era bojudo e tinha a popa alta, o que o identificava como um cargueiro, e Cato sentiu-se um tanto defraudado por mais uma vez não ter encontrado a sua presa. Não havia sinal de vida no convés, e o leme oscilava para um lado e para o outro conforme as ondas que batiam no casco.

O navio de Macro, do lado de terra, usava da melhor forma a brisa para se aproximar velozmente antes de também passar a usar os remos; ainda assim, uma vez que tinha percorrido maior distância, ia alcançar o navio mercante um tanto depois do *Sobek*.

— Senhor, quer que mande formar os meus rapazes? — perguntou o centurião Próculo, o comandante dos legionários destacados no navio do prefeito.

— Não. Vou usar os fuzileiros. Estão mais habituados a ações de abordagem.

Próculo respirou fundo, ofendido por ter sido preterido em relação a homens que considerava inferiores. Cato ignorou-o, já habituado às tensões existentes entre as duas armas. Além disso, a decisão pertencia-lhe. Virou-se para o decurião que comandava o contingente de trinta fuzileiros a bordo.

— Deodoro, forma os teus homens e preparem-se para a abordagem.

— Sim, senhor. Quer que ponha o corvo a postos? — Acenou na direção do engenho preso ao convés à frente do mastro. O corvo era basicamente uma prancha de embarque, que era levantada e descida graças a um sistema de roldanas. Um pino de madeira numa das pontas permitia girá-lo, de forma a projetar-se para lá do bordo da embarcação onde estava montado. Na outra ponta havia um gancho de ferro, que fazia lembrar um bico de corvo. Quando o dispositivo estava em posição sobre o convés do



alvo, era solto e o bico descia com toda a força, cravando-se no convés e prendendo os navios um ao outro com firmeza, enquanto os fuzileiros atravessavam a prancha e se lançavam em ação. Embora não avistasse qualquer sinal de movimento, Cato resolveu seguir a tática habitual, para o caso de haver alguma emboscada preparada.

— Sim, usa o corvo. Se precisares de reforços, enviamos os legionários para resolver a questão.

Próculo inchou o peito.

— Senhor, se for preciso ir salvar os fuzileiros, cá estaremos. Pode contar connosco.

— Que bom saber disso — resmungou Deodoro, enquanto se afastava para dar as suas ordens.

À medida que o *Sobek* se aproximava do cargueiro, o convés ia-se enchendo de homens armados que se apressavam a ocupar as suas posições. Quando tudo ficou pronto, os soldados permaneceram imóveis, à espera da ordem para entrarem em ação. O trierarca foi reduzindo a cadência da remada, de forma a aproximar-se a pouco e pouco do navio à deriva, pela popa. Quando calculou que a velocidade era adequada para se porem ao lado do cargueiro, deu ordens para que os remos fossem recolhidos.

Cato tinha posto a armadura completa e subira à torre de vante para observar o outro navio enquanto o *Sobek* se encostava a ele. Havia manchas escuras de um líquido a escorrer pelo casco, mas que se dissipavam junto à linha de água. Compreendeu de súbito que só podia ser sangue. No momento seguinte avistou o primeiro corpo, um homem esparramado sobre a amurada. Outros corpos estavam dispersos pelo convés.

— Preparem o corvo! — berrou Deodoro, e em resposta ouviu-se o ranger da prancha a projetar-se sobre o vazio e a rodar até se sobrepor ao outro convés.

— Libertem-no!

A prancha desceu, com a ponta de ferro a ganhar velocidade até se abater sobre a madeira, cravando-se nela e estilhaçando as tábuas.

— Fuzileiros, avançar! — gritou Deodoro, brandindo a espada no ar enquanto trepava para a prancha e corria até ao convés da outra embarcação. Os seus homens seguiram-no, as botas de couro grosseiro a martelar as tábuas da passagem. Os fuzileiros atravessaram a ponte rapidamente e começaram a espalhar-se pelo convés do cargueiro.

Cato desceu da torre e chamou o centurião Próculo.

— Tu e os teus homens esperam aqui. Se vos chamar, venham de imediato.

— Sim, senhor.

Não havia qualquer som de combate, nenhum grito ou brado de alarme provinha do cargueiro, pelo que Cato deixou a espada na bainha enquanto atravessava a prancha, lançando um rápido olhar à água que se agitava no espaço entre os dois cascos. Apesar de ter passado a maior parte dos dois meses anteriores a bordo, ainda temia e odiava o mar; mais uma excelente razão para pedir aos deuses que a busca que conduzia tivesse sucesso o mais depressa possível. Quando chegou à outra extremidade da prancha, saltou para o convés e olhou em volta devagar. Havia corpos espalhados por todo o lado, e viam-se grandes manchas de sangue seco. As escotilhas de acesso ao porão tinham sido abertas e a carga estava toda em alvoroço: ânforas partidas, fardos de tecido desmanchados, sacas de arroz e especiarias rasgadas. Deodoro estava agachado ao pé de um dos cadáveres, e Cato juntou-se a ele.

— Não há grandes sinais de putrefação. — O decurião cheirou e depois tocou com os dedos no sangue que rodeava o corpo. — Ainda está pegajoso. Foram mortos há um dia ou coisa parecida. De certeza que há menos de dois dias.

— Se isto foi obra do Ajax, então estamos mais próximos dele do que eu pensava — considerou Cato, enquanto se punha de pé.

— Talvez, senhor. Mas também pode ter sido obra de quaisquer vulgares piratas.

— Achas? Nesse caso, porquê levar tão pouca coisa do porão, se é que alguma coisa foi levada? Só em especiarias, está lá em baixo uma verdadeira fortuna. Se o navio foi tomado por piratas, não faz sentido que tenham deixado tudo isso a bordo.

— Senhor! — gritou alguém. — Este ainda está vivo!

Cato e Deodoro correram na direção de um fuzileiro que aguardava junto ao mastro. O soldado deu um passo ao lado, revelando uma figura magra e queimada pelo sol, nua à exceção de uma tanga imunda. A princípio Cato julgou que o homem tinha lançado os braços para o alto ao avistá-los, mas então reparou na cabeça larga e escura do prego metálico que lhe tinha sido cravado nas palmas das mãos, pregando-o à madeira naquela posição e a uma altura que não lhe permitia pôr-se completamente de pé no convés, e o forçava a suportar o peso do corpo nos dedos e na ponta dos pés. O homem soltou um gemido fraco mas prolongado; a respiração era fraca e ofegante.

— Libertem-no! — ordenou Cato. Virou-se para o *Sobek* e gritou: — Mandem o médico para este lado!

Enquanto dois dos fuzileiros suportavam o peso do homem, um terceiro começou a tentar libertá-lo do prego. O homem grunhiu e gritou de dor. Os olhos, vermelhos e quase apagados, abriram-se. Pareceu levar uma

eternidade a soltar o prego da madeira, mas por fim o homem desabou nos braços dos soldados.

— Deitem-no. — Cato fez um gesto para os fuzileiros. — Dá-me o teu cantil. E depois tu e os outros passem o barco a pente fino; vejam se há mais sobreviventes.

Debruçou-se sobre o homem enquanto tirava a rolha do cantil, impressionado com o estado em que o outro tinha os lábios, gretados e sangrentos. Colocou uma mão por trás da cabeça do homem, suportando-a, e deitou-lhe água sobre o rosto. Os lábios do homem moveram-se ao sentir a água, e um grunhido de alívio assinalou a entrada do líquido naquela boca completamente seca. Cato deixou-o sorver mais alguns goles, e parou quando o homem se engasgou e quase deitou fora a água, enquanto tentava rodar a cabeça.

— Muito... obrigado — soltou, num murmúrio.

— O que é que sucedeu aqui? — indagou Cato. — Quem é que vos atacou?

A língua inchada do homem lambeu os lábios gretados, e ele estremeceu de dor antes de conseguir responder.

— Romanos...

Cato trocou um olhar com Deodoro.

— Romanos? Tens a certeza?

Uma sombra passou sobre o convés, e Cato ergueu a vista; era o mastro do *Íbis*, o navio de Macro, que se punha ao lado do cargueiro. No momento seguinte um embate surdo assinalou o encosto entre as duas embarcações. Logo se seguiu o som de botas a pisar o convés. Cato olhou para cima e viu o amigo.

— Macro, aqui!

Macro foi ter com ele, enquanto olhava em torno do convés.

— Pelo que se vê, foi uma batalha e tanto.

— Foi mais um massacre, parece-me, mas encontrámos este ainda vivo. — Cato apontou para a carne dilacerada das mãos do homem. — Pregado ao mastro.

Macro assobiou baixinho.

— Caramba. Por que raio fizeram isso?

— Deixe-me adivinhar. Queriam deixar uma testemunha. Alguém que conseguisse sobreviver para contar o que aconteceu.

O médico do navio de Cato chegou a correr, com a sua sacola de ligaduras e unguentos. Ajoelhou-se junto ao sobrevivente e examinou-o rapidamente, sentindo-lhe o pulso.

— Senhor, ele está em mau estado. Duvido que possa fazer muito por ele.

— Muito bem. Nesse caso preciso de descobrir tudo o que puder antes que seja demasiado tarde. — Cato inclinou-se sobre o homem e falou-lhe ao ouvido com gentileza. — Diz-me o teu nome, marujo.

— Mene... Menelau — respondeu uma voz em profunda agonia.

— Escuta-me, Menelau. Estás gravemente ferido. É bem possível que não sobrevivas. Se morreres, queres com certeza que alguém vingue a tua morte. Portanto, diz-me: quem fez isto? Disseste que foram romanos. O que é que querias dizer? Piratas romanos?

— Não... — sussurrou o homem, e depois acrescentou qualquer coisa, uma palavra que Cato não conseguiu reconhecer de imediato.

— O quê?

— Parece ter falado em terra — sugeriu Macro. — Não faz sentido. Terra?

Cato sentiu um arrepio gelado ao compreender o que queria dizer o marinheiro moribundo.

— Guerra; era um navio de guerra, não era? Foram atacados por um navio militar?

O outro anuiu e humedeceu os lábios.

— Ordenou-nos que amainássemos as velas... Disseram que queriam verificar a carga... Começaram a matar... Sem piedade. — A testa do homem franziu-se perante a memória. — Ele poupou-me... Disse que queria que eu recordasse o nome... Depois empurraram-me contra o mastro e puseram-me os braços para cima. — Uma lágrima rebrilhou ao canto do olho do homem, rolou pela face e precipitou-se da ponta da orelha.

— O nome? — pediu Cato gentilmente. — Diz-me o nome.

O marinheiro fez um esforço para voltar a mover os lábios.

— Cent... Centurião Macro.

Cato sentou-se e olhou para o amigo. Macro abanava a cabeça, side-rado.

— Foda-se, o que é que ele está para aí a dizer?

Cato não pôde fazer mais do que encolher os ombros, antes de voltar a atenção de novo para o marinheiro.

— Tens a certeza? Estás seguro de que ele disse que se chamava Macro?

O homem assentiu.

— Macro... Sim, era esse o nome daquele cabrão... Fez-me repeti-lo para ter a certeza de que o fixava. Centurião Macro — murmurou, antes de o rosto se contorcer de dores.

— Senhor — interveio o médico. — Tenho de o tirar do sol. Levá-lo para a cobertura do *Sobek*. Será o melhor sítio para lhe tratar das feridas.

— Muito bem. Faz por ele tudo o que puderes. — Cato deitou a ca-

beça do marinheiro e levantou-se. O médico chamou quatro fuzileiros e ordenou-lhes que levantassem o corpo com cuidado. Cato ficou a vê-los enquanto se dirigiam para a prancha, e por fim virou-se para Macro. — Estranho, não lhe parece?

— Tenho um álibi — respondeu o centurião, com humor negro. — Estava ocupado a perseguir escravos foragidos. — Esticou o dedo na direção do marinheiro que os fuzileiros carregavam. — O que raio vem a ser esta história, foi o centurião Macro?

— É o Ajax. Só pode ser ele.

— Porquê?

— Quem mais iria usar o seu nome?

— Não faço ideia. Mas se é mesmo o Ajax, porquê?

— Talvez seja a ideia que ele tem de uma brincadeira. Ou então algo diferente.

— O quê, por exemplo?

Cato abanou ligeiramente a cabeça.

— Não estou certo. Mas há aqui muito mais do que salta à vista.

— Bem, se foram mesmo o Ajax e os seus homens, estamos de volta à pista.

— Sim, estamos. — Cato encheu de ar as bochechas. — Mas a ocasião não é propriamente a melhor.

— O que queres dizer?

— Estamos quase sem mantimentos. A água também se está a acabar. Não podemos continuar a perseguição até nos reabastecermos. Vamos recolher o que pudermos deste navio, e depois rumaremos a Alexandria.

Macro encarou-o.

— Não está a falar a sério... Senhor.

— Macro, pense nisto. Se ele tem um dia de avanço, ou mais, pode estar já a mais de cem milhas daqui. Quanto tempo acha que levaremos a descobri-lo? Quantos dias? E se tentarmos segui-lo, corremos o risco de não estar em condições de o confrontar, ou de ficarmos de tal forma debilitados que nem consigamos regressar ao porto. Não tenho escolha. Vamos para Alexandria. Abastecemos-nos, e tentamos obter reforços suficientes para vasculharmos esta área de alto a baixo.

Macro estava prestes a recomeçar os seus protestos quando o decurião Deodoro se aproximou para apresentar o relatório.

— Senhor, os meus homens revistaram o navio. Não há nenhum outro sobrevivente.

— Muito bem. Diz aos teus homens para recolherem tudo o que seja comida e água e trazerem tudo para o convés, de forma a dividir os mantimentos pelos nossos dois navios.

— Sim, senhor. — Deodoro saudou e regressou para junto dos fuzileiros que revistavam o porão.

— Ora bem, seus madraços! Espadas embainhadas e escudos depositos. Há muito trabalho a fazer.

Macro olhava para Cato com intensidade. Coçou o nariz.

— O que é agora? — inquiriu Cato, fatigado.

— Estava a pensar. Será melhor que tenhas razão quanto a isto. Se o Ajax volta a despistar-nos enquanto nós regressamos a Alexandria, sabem os deuses como e onde voltaremos a encontrar-lhe a pista. Há um mês que não tínhamos notícias dele.

— Eu sei. — Cato fez um gesto de impotência com as mãos. — Mas não temos escolha. Temos mesmo de voltar para trás.

Macro premiu os lábios.

— É a sua escolha, senhor. A sua prerrogativa.

— Sim. Assim é.

Três dias depois, o *Sobek* aproximava-se da entrada do grande porto de Alexandria. A enorme estrutura do farol construído sobre os rochedos da ilha de Pharos por ordem de Ptolomeu II erguia-se sobre as duas naves de guerra. Todos os homens a bordo, que tinham sido requisitados para esmagar a rebelião dos escravos em Creta, provinham das forças romanas estacionadas em Alexandria, pelo que estavam habituados à extraordinária visão daquela construção. Também Cato a tinha visto antes, mas ainda assim viu-se compelido a interromper o seu contínuo passaricar preocupado pelo convés para mais uma vez se maravilhar perante a escala da ambição de Ptolomeu. Além do farol, havia o vasto complexo da Grande Biblioteca, o túmulo de Alexandre, o Grande, e a ampla avenida de Canopus, que atravessava todo o coração da cidade. Tudo nela tinha sido planeado para impressionar o visitante e encorajar nos seus habitantes um sentimento de superioridade.

O dia estava praticamente a meio, e o Sol obrigou Cato a semicerrar a vista enquanto contemplava o farol. Uma coluna de fumo subia sem interrupção do fogo que ardia permanentemente no cimo da torre, anunciando a posição da cidade aos navios no distante mar alto ou espalhados ao longo da costa egípcia.

Cato voltou a olhar para baixo enquanto entrelaçava as mãos por trás das costas, e retomava as passadas pelo convés principal do navio. Aquele passeio tinha-se tornado um hábito desde o início da perseguição a Ajax. Ver-se preso numa pequena embarcação era um verdadeiro anátema para o irrequieto espírito do jovem, e a rotina que adotara de percorrer o convés para cima e para baixo permitia-lhe realizar uma pequena parte do exercí-

cio pelo qual o corpo ansiava, enquanto lhe fornecia ao mesmo tempo um período para pensar.

Sentia-se profundamente frustrado perante mais aquele atraso forçado na caça a Ajax. Porém, não havia alternativa. Mesmo tendo em conta a água e os mantimentos que tinham recuperado do cargueiro, os homens andavam esfomeados e com as gargantas permanentemente secas. Não estavam em condições de enfrentar o desesperado bando de fugitivos de Ajax, muitos dos quais tinham sido gladiadores. Homens que tinham passado anos a treinar com o fito único de combater e matar na arena. Os corpos a bordo do cargueiro tinham sido presos a pesos e lançados às profundezas; o mesmo sucedera ao marinheiro que tinha sido pregado ao mastro e que expirara poucas horas depois de ser levado para bordo do *Sobek*. Uma diminuta tripulação tinha sido deixada no outro navio, com ordens para se dirigir a Alexandria a toda a velocidade, que não seria muita. Os navios militares tinham avançado imediatamente, impelidos pelo desejo do prefeito de regressar à perseguição o mais depressa possível.

— Recolher a vela! — ordenou o trierarca, Phermon, a partir da ré. — Preparar remos!

O *Sobek* prosseguiu a caminho do porto militar, junto aos palácios reais, que em tempos tinham sido a morada dos faraós, mas que agora eram ocupados pelo governador romano e pelo seu pessoal. Os remos subiram, avançaram e desceram, mantendo um ritmo constante que fez a embarcação progredir facilmente sobre as calmas águas, aproximando-se do pontão rochoso onde estava atracada grande parte da esquadra de Alexandria. Cato avistou uma sentinela que corria, deixando a torre de vigia à entrada do porto para avisar da aproximação dos dois navios.

Dirigiu-se para a popa e desceu para a sua cabina. Era uma cabeça mais alto do que Macro, e por isso via-se forçado a dobrar-se de forma extremamente incómoda enquanto mudava de túnica, passando a trajar a menos suja das duas que tinha trazido de Creta. Lutou para se meter dentro da cota de malha, mas lá conseguiu fechar o arnês por cima da veste metálica. Nele ostentava as condecorações, discos de prata que lhe tinham sido atribuídos durante o tempo em que estivera na Segunda Legião. A unidade tinha feito parte do exército que invadira a Britânia havia já alguns anos, quando Cato tinha demonstrado todas as suas capacidades de soldado e tinha sido promovido até ao centurionato. Mas naquele momento era prefeito, um oficial já em preparação para um comando importante.

No entanto, tal só sucederia quando a sua promoção fosse confirmada pelo Imperador, refletiu. O que dificilmente sucederia se falhasse na missão de encontrar e destruir Ajax, o rebelde sanguinário que tudo tinha feito para destruir a província de Creta. Tinha além disso conseguido capturar a

frota que levava cereais do Egito para Roma quando esta aportara em Creta para reparações, e dessa forma ameaçara diretamente a população da capital do Império, sujeitando-a à ameaça de fome. Durante o mais breve dos momentos, Cato não conseguiu suprimir alguma admiração pelo inimigo. Ajax era o tipo de homem que compreendia perfeitamente todas as forças em jogo, e que estabelecia os seus planos de acordo com a situação. Era de facto um adversário dos mais perigosos que Cato enfrentara, e representava uma verdadeira ameaça à própria Roma. Um perigo cuja existência não podia de forma alguma ser tolerada, pelo que, se Cato fracassasse na captura ou morte de Ajax, o Imperador nunca lhe perdoaria. E nesse caso, a recusa de confirmação da sua promoção a prefeito seria a menor das suas preocupações. O mais provável seria a sua despromoção, seguida da colocação vitalícia nalgum posto fronteiriço esquecido no mais insalubre dos confins do Império. Seria o fim da sua carreira militar — mas traria consigo um preço muito mais elevado. Seria forçado a abdicar de qualquer pretensão a Júlia.

Não se podia esperar que a filha de um senador suportasse as agruras da vida num posto fronteiriço. Ela ficaria em Roma e encontraria um candidato a marido mais adequado. O pensamento dilacerava o coração de Cato, mas não conseguia culpar Júlia se viesse a ser esse o desenvolvimento da situação. Os sentimentos que nutria por ela não o impediam de reconhecer, racionalmente, que até o amor tinha os seus limites. A ideia de a obrigar a segui-lo para o que não passaria de um exílio, e que ela comesse a detestá-lo por isso agoniava-o. Seria preferível ir sozinho, com doces memórias para o confortar, em vez de empilhar um azedume crescente em cima do falhanço absoluto da sua carreira.

Ajustou o arnês, pegou no cinto com a espada e colocou-o sobre a cabeça, à bandoleira. Por fim abriu o pequeno cofre aos pés do catre e tirou o estojo de couro que continha o pergaminho onde constavam as ordens que recebera do pai de Júlia, o senador Semprônio, e que lhe mandavam perseguir Ajax até ao fim. Um outro documento testemunhava que tinha sido promovido a prefeito, embora ainda sem a confirmação imperial. Com os dois documentos, Cato esperava reunir autoridade suficiente para garantir a assistência do governador para a continuação da sua missão.

Não ia ao encontro do governador com qualquer espécie de entusiasmo. No seu último encontro, Cato tinha vindo de Creta, a pedido do senador Semprônio, para solicitar reforços para abafar a rebelião dos escravos. Não tinha sido uma conversa fácil, e fora necessária uma pouco velada ameaça de incluir o governador do Egito no lote dos que partilhariam as responsabilidades pela queda de Creta para o convencer a ceder, de má cara, os homens e navios necessários para derrotar Ajax.



Pegou no elmo, respirou fundo e deixou o ar escoar-se lentamente dos pulmões; finalmente resolveu-se, e subiu as escadas para o convés, para acabar de se compor sem ter de estar agachado para evitar esmagar a crista do capacete. À medida que atava as tiras por baixo do queixo, observava o trierarca e os seus homens que completavam as manobras de aproximação ao pontão de atracagem. Os cabos já tinham sido lançados para a equipagem de terra, e o *Sobek* estava a ser colocado em posição, fazendo gemer os amortecedores do cais, feitos de feixes de canas.

Virou-se para o trierarca.

— Quero que vás a terra e procures o chefe da messe. Quero os dois navios reabastecidos o mais depressa possível. Não há licenças para os homens, para ninguém. É minha intenção zarpar assim que tiver apresentado o relatório ao governador e que haja a bordo água e mantimentos.

O trierarca encheu as bochechas de ar e respondeu em tom cauteloso.

— Senhor, os homens estão exaustos. Há meses que não veem as famílias. Um dia ou dois de licença em terra dar-lhes-á um novo ânimo.

— Ficarão a bordo — retorquiu Cato com toda a firmeza. — Todo e qualquer homem que tentar ir a terra será considerado um desertor. Compreendido?

— Sim, senhor.

— Ótimo. — Cato virou-se e reparou que o *Íbis* atracava à popa. A prancha de acesso ao cais já tinha sido colocada e Macro tinha saltado para terra, avançando já ao longo do *Sobek* à espera de Cato.

— Lembra-te do que te disse. — Cato achou por bem deixar mais um aviso ao trierarca, antes de sair da embarcação. Assim que pisou o solo pedregoso, enfrentou a sensação de que a terra se movia debaixo das suas botas. Lutou para restabelecer o equilíbrio, enquanto Macro lhe piscava o olho.

— É uma sensação realmente estranha.

— De facto — concordou Cato. — Vamos.

Seguiram pelo molhe, sentindo o calor do Sol a abater-se sobre eles. À distância, no portão que dava acesso à zona dos palácios, aguardava-os um grupo de legionários, liderado por um centurião, de vara aperrada sobre a perna enquanto os esperava a pé firme.

— Não lhes levou muito tempo a prepararem uma comissão de recepção — notou Macro. — Alguém se despachou a organizar uma guarda de honra.

— Assim parece. — Cato franziu o sobrolho. — Mas quem é que lhes disse quem se aproximava?

— Talvez não sejas o único com olho de águia — sugeriu Macro, des-

preocupado. — Seja como for, hei de dar os meus parabéns ao oficial de piquete.

Prosseguiram, com a dignidade e a confiança que lhes eram permitidas pela sensação de ainda se encontrarem sobre as águas, aproximando-se dos soldados. Quando já estavam perto do portão, o centurião adiantou-se e interpelou-os, erguendo a mão direita em saudação.

— Senhor, é o prefeito Quinto Licínio Cato?

— Sim.

— E tu, o centurião Lúcio Cornélio Macro?

Macro anuiu.

— Calculo que estejas aqui para nos escoltares até à presença do teu comandante?

O centurião pareceu surpreso ao escutar aquelas palavras.

Cato abanou a cabeça.

— Não temos tempo para formalidades. Tenho de falar com o governador, imediatamente.

— Formalidades? — O centurião fez um gesto na direção dos seus homens. — Senhor, acho que não está a perceber a situação. Não nos mandaram para lhe prestar qualquer honra militar. Foi-me ordenado que os colocasse sob detenção. Aos dois.

— Detenção? — Macro espantou-se. — Que porra é esta? Agora vamos presos?

— Espere! — Cato ergueu a mão. — De quem vieram essas ordens?

— Diretamente do governador, senhor. Assim que soube que os navios se dirigiam ao porto. Serão conduzidos à sala do piquete e lá mantidos sob vigilância até surgirem novas ordens. Senhor, queira seguir-me.

— Porquê? — Cato não se moveu. — Quais são as acusações?

O centurião encarou-os.

— Senhor, são óbvias, pelo menos para mim. Assassínio, e pirataria.

Foram deixados sós, na sala do piquete. A porta ficou aberta, mas lá fora tinham sido colocados quatro homens para os vigiar. O compartimento era bem proporcionado, com um teto alto e boa ventilação, granjeada por grandes janelas ao cimo das paredes. Os distantes sons da cidade no exterior do palácio misturavam-se para produzir uma espécie de zumbido baixo e constante.

Cato estava sentado à mesa, a beber água de um púcaro e a saborear o facto de já não ter de se limitar a uma ração minúscula.

Macro deitou uma olhadela aos guardas, atravessou a sala e foi sentar-se num banco em frente ao amigo.

— Porra, o que é que se está a passar? Porque é que estamos detidos?

— Ouviu-o. Assassínio e pirataria.

— Pois, mas que merda vem a ser essa? — Macro estava a ponto de explodir. — Somos oficiais do exército romano. Caramba, tu és um prefeito.

— Obrigadinho por ter reparado.

— Como é que se atrevem a tratar-te desta forma? Pelos deuses, algum cabeçudo vai pagar por isto, e há de pagá-lo bem.

— Macro, é óbvio que está a ser cometido um erro. Depressa será corrigido. Não vale a pena exaltar-se, é um desperdício de energia. — Cato encheu outra vez o púcaro e empurrou-o pela mesa na direcção do amigo. — Tome. Beba.

Macro rangeu os dentes, enquanto tentava controlar a ira. Acabou por pegar no recipiente e emborcar o líquido de uma vez, batendo depois na mesa.

— Outra.

Desta vez bebeu mais devagar e pousou o púcaro com calma.

— Assim é melhor. Tinha a porra da língua tão seca que parecia uma tira de couro saída de umas botas.

— Sei perfeitamente o que quer dizer — assentiu Cato. — Espero bem que tenham levado água aos homens nos barcos. Ainda estão a torrar ao sol.

Macro fez uma careta.

— A mim parece-me que te devias concentrar nos nossos problemas, deixa lá os homens.

— Porquê? Não passou o tempo a dizer-me que um bom oficial deve pensar no bem-estar dos seus homens antes de se preocupar com ele mesmo? Quando eu era o seu *optio*, estava sempre a esfregar-me essa ideia na cabeça.

— Era? — resmungou Macro. — De muito te serviu, pelo que se vê.

— Pelo menos serve para me afastar o pensamento do facto de estar aqui fechado com um casmurro que se passeia pela sala como se fosse um touro enjaulado.

A face tisonada e repleta de cicatrizes do veterano amaciou-se num sorriso.

— Desculpa. É que não aprecio particularmente ser considerado um pirata assassino. Saquear, matar, até aí tudo bem. Faz parte do trabalho.

— Para algumas mentes essa distinção seria apenas de grau e não de categoria, Macro — retorquiu Cato, a seco.

— A sério? — Macro arqueou as sobrancelhas. — Pois então que se fodam, digo eu. Não sou nenhum assassino.

Habitado como estava à rude e irascível natureza da filosofia militar de Macro, Cato limitou-se a encolher os ombros.

A conversa foi interrompida pelo som de botas no corredor, e no momento seguinte os guardas afastaram-se para dar passagem ao centurião que comandava o grupo de detenção, bem como ao governador da província e a um escriba. O centurião deu um passo ao lado e dobrou o pescoço enquanto fazia um anúncio.

— Sua Excelência, Gaio Petrónio, governador de Alexandria e da província do Egito, e legado do Imperador.

Cato e Macro ergueram-se e inclinaram também as cabeças, enquanto Petrónio avançava para o centro da sala e parava de mãos na cintura e uma expressão lúgubre na face. Estalou os dedos e apontou para o canto do compartimento. O escriba apressou-se a ocupar a posição indicada; sentou-se de pernas cruzadas e retirou da sacola uma tábua encerada e um estilete.

Petrônio virou-se para Cato.

— Permitti que levasses forças minhas para Creta para esmagar uma rebelião, e não para que a espalhasses pelo Oriente. Vocês os dois têm muito que explicar. — Petrónio encarou-os com má cara. — Conseguiram pôr toda a região do delta em pé de guerra, e mais ainda. As guildas de mercadores e comerciantes aqui da cidade exigem as vossas cabeças. Estou seriamente tentado a esquecer os devidos procedimentos legais e deixar que a turba vos faça em pedaços, antes que a situação degenerem em revolta aberta.

— Cruzou os braços. — Portanto, por favor e em nome de todos os deuses, digam-me lá que raio pensam vocês os dois que andam a inventar?

— A inventar, senhor? — Cato abanou a cabeça. — Não compreendo.

— Uma porra! Há quase um mês que se acumulam relatórios que referem que vocês andam a aterrorizar as aldeias costeiras. Desembarcam, exigem mantimentos e liquidam todos os que se recusam a cooperar. Até me chegou aos ouvidos que abordaram embarcações, torturaram as tripulações para obter informações e depois mataram quase toda a gente a bordo, antes de seguirem para o próximo objetivo.

Macro e Cato trocaram um olhar rápido.

— Oh, não se atrevam sequer a negá-lo! — explodiu o governador. — Os relatórios explicitam os vossos nomes. Além das afirmações do punhado de testemunhas que acharam por bem poupar. Há provas mais do que suficientes para vos ter pregados a cruces ainda antes que a tarde caia. — Obrigou-se a controlar a fúria antes de prosseguir. — Portanto, volto a perguntar-vos, que jogo é esse que vocês têm vindo a praticar? Segundo o último despacho que recebi de Creta, vocês foram enviados em missão para perseguir um escravo renegado. E não para fomentar uma nova revolta aqui no Egito. Não sei bem quem é que representa uma maior ameaça à paz no Império: um gladiador fugitivo, ou os dois imbecis sem cérebro que foram mandados atrás dele. E para cúmulo, para me insultarem pessoalmente, sem dúvida, são os meus homens e os meus navios que empregam nesse vosso trabalho sujo. Não pensem que esse pequeno pormenor escapou à atenção da turba. Ainda ontem uma das minhas patrulhas foi apedrejada ao percorrer as ruas. Perdi um optio e um outro homem. Tudo isto graças a vocês e à vossa brutal e idiota forma de perseguir essa personagem, o tal Ajax.

— Mas, senhor, nós não fizemos nada — protestou Macro. — Não há pinga de verdade nessa história.

— Diz isso às testemunhas.

— Mentem. Alguém as convenceu a isso.

— Veremos. Os meus procuradores têm andado a recolher depoimentos e a reunir indícios. Darei todos os passos necessários para que o vosso julgamento decorra no mais breve espaço de tempo possível. A que se seguirá a execução pública. Isso deverá ser suficiente para satisfazer a população e para acalmar as coisas aqui pelo Egito.

Macro fungou com desprezo.

— Estão a gozar comigo! Toda essa história não passa de trampa.

— Centurião, acredita no que te digo, será precisamente assim que as coisas se vão passar. E mais, o Imperador, e aquela víbora do seu secretário, o Narciso, não hesitarão um momento antes de aprovar a minha decisão.

Cato tinha-se mantido em silêncio enquanto assistia àquela troca acalorada. Agora, que começava a perceber tudo, deixou transparecer um sorriso seco.

— Por Hades, do que é que tu estás a rir? — indagou o governador. — Não vejo qualquer razão para esse divertimento.

— É o Ajax, senhor. O responsável por tudo isto.

— Ajax?

— Claro. Tem andado a ver se apaga os seus traços. Aliás, melhor ainda, tem andado a agitar os nativos e a deixar a confusão por onde passa.

— O que é que queres dizer com isso?

— Há uns dias, encontrámos uma embarcação à deriva. A tripulação tinha sido massacrada, à exceção de um homem, que nos garantiu que aquilo fora obra do centurião Macro.

Macro fungou.

— O que, para mim, foi uma autêntica surpresa, como pode imaginar.

— Isto também explica porque é que os nativos fugiram da aldeia quando desembarcámos, na véspera — prosseguiu Cato. — O nosso gladiador tem andado ocupado.

— Presumo que podem provar tudo isso? — indagou o governador. — Esse vosso sobrevivente é capaz de testemunhar que o homem que atacou o seu navio não era o Macro?

— Infelizmente não, senhor. Morreu pouco depois.

— Muito conveniente.

— Para nós, ao que parece, nem por isso. Mas pode convocar todas as suas testemunhas e ver se alguma delas identifica um de nós como o seu atacante. Deve chegar para provar a nossa inocência.

O governador fez um curto silêncio, e depois assentiu.

— Muito bem. Tens razão nesse ponto. — Dirigiu-se à porta e estalou os dedos, chamando um dos guardas que esperavam no exterior. — Tu, vai buscar aquele sacerdote, o Hamedes. Está detido nas casernas do palácio. Tragam-no aqui imediatamente. Não lhe digas nada sobre estes dois oficiais. Entendido?

O guarda saudou e afastou-se a passos largos pelo corredor. Petrônio regressou para junto de Macro e Cato.

— Depressa saberei se me estão a dizer a verdade. Um dos templos no delta foi atacado há uns dez dias. Os sacerdotes foram massacrados, e o cofre do templo foi levado. Só uma pessoa foi poupada. Apareceu ontem aos portões da cidade, a arengar contra os soldados romanos que tinham atacado o seu templo. Foi colocado sob custódia para lhe serem tratadas as feridas e para ser alimentado e descansar antes de prestar declarações oficiais. Veremos o que diz quando se deparar convosco. — Fez uma pausa

e contemplou os dois oficiais por um instante, antes de prosseguir. — Todavia, se realmente estão inocentes e tudo isto for obra desse Ajax, terei de admitir que estamos a lidar com um inimigo muito mais perigoso e astucioso do que imaginava.

Cato assentiu.

— Oh, tudo isso e mais ainda. Implacável, cruel. O que eu acho é que ele tem a ambição de provocar uma revolta aqui no Egito. É a única ideia que faz sentido.

— Mas porquê? — interrompeu Macro. — Porque é que ele não se limita a fugir para longe? Encontrar um sítio onde se possa esconder até nós desistirmos de o perseguir; depois ele e os seus seguidores poderiam perfeitamente retomar vidas normais como homens livres.

— Não; serão sempre fugitivos. O Ajax sabe isso perfeitamente. Para ele nunca haverá paz. Vá para onde for, Roma nunca desistirá de o perseguir. Portanto, tudo o que lhe resta a fazer é lutar, lutar sempre. E ele está disposto a isso. De uma forma ou doutra, será sempre nosso inimigo. Até ser encontrado e aniquilado.

— Quanto mais cedo, melhor — juntou Petrónio, com fervor. — Já tenho problemas que me cheguem com a situação no Alto Nilo, não preciso desta confusão aqui na costa. — Fez uma pausa e atravessou a sala até à mesa, pegou num banco e sentou-se, indicando a Cato e Macro que podiam imitá-lo. O escriba continuou no seu canto, tirando notas com toda a discrição. Cato deitou-lhe uma olhadela, e lembrou-se que tinha de escolher cuidadosamente as palavras, uma vez que Petrónio ficaria nos seus arquivos com o registo de tudo o que era dito.

O governador serviu-se de uma bebida antes de continuar.

— Nesta altura, a província parece estar sob uma confluência de ameaças, mesmo antes de este vosso gladiador aparecer em cena — partindo do princípio de que de facto não são vocês os responsáveis pelas ações que provocaram a agitação.

Macro começou a protestar, mas Cato fez-lhe um sinal com o dedo para o sossegar. Petrónio não reparou; tinha a taça segura nas duas mãos e contemplava a superfície do líquido nela contido.

— Nos últimos três meses, os núbios têm lançado ataques contra a nossa fronteira do Sul — começou. — Em cada ocasião avançam mais um pouco ao longo do Nilo, mas retiram sempre antes que possamos reunir forças suficientes para os encurralar e destruir. Na minha opinião estão a testar as nossas defesas, e a reconhecer o terreno enquanto preparam uma invasão em larga escala. Há uns dias tive a confirmação dessa ideia num relatório que recebi do estratega do nome junto à fronteira com a Núbia.

Macro olhou para Cato e arregalou um olho. Limpou a garganta.

— Perdão, senhor. O que quer dizer quando refere esse, hum, nomes? Petrônio olhou para ele com irritação e encolheu os ombros.

— Devia saber que vocês não conhecem a estrutura das coisas por aqui. É uma chatice que ficou dos tempos antes de Roma transformar o Egito numa província. Os nomes são distritos administrativos. Cada um é governado por um estrategista e por um conselho local. Faziam um bom trabalho na cobrança de impostos e na resolução de conflitos locais, portanto Roma não viu razão para alterar as coisas.

Macro grunhiu.

— Bom, ao menos os gregos acertaram alguma coisa.

— Na realidade, os gregos adotaram o sistema que já existia por cá.

— O quê? Foram os monjes que criaram esse sistema?

Petrônio sorriu.

— Não fazes mesmo ideia nenhuma, pois não?

— Sobre o quê, senhor?

— Sobre esta província. Em tempos o Egito foi uma grande potência. Muito antes de Roma ser sequer uma aldeola de agricultores que escarafunchavam a terra para sobreviver nas margens do Tibre.

— Uma porra. — Macro indicou o coração da cidade com o polegar. — Esta malta?

— É verdade, garanto-to... Mas sugiro que não peças a um dos nativos que te explique a história, a não ser que tenhas uns anos que possas dispensar.

Cato tossicou.

— Senhor? Quanto aos núbios?

— Ah, sim. — Petrônio voltou a concentrar-se. — O estrategista de Siena. Bom, o homem mandou vários espiões para o outro lado da fronteira, para tentar obter informações. A maior parte deles nunca mais deu notícias, mas por fim lá recebeu um relatório. Um dos seus homens tinha avistado colunas de guerreiros núbios a concentrarem-se a uns cento e cinquenta quilômetros das cataratas. Eram conduzidas pelo príncipe Talmis. É o mais velho dos filhos do rei da Núbia. Já expandiu os domínios do pai para as bandas da Etiópia, e tem uma grande reputação como general. E ao que parece quer melhorá-la, atacando esta província. Estou certo disso.

— Mas porquê? — indagou Cato. — Os núbios foram provocados, de alguma forma?

— De certa maneira, sim — admitiu Petrônio. — Há um ano, o Imperador deu-me ordens para enviar pessoal para cartografar o Nilo até à sua origem. Avisei que uma expedição desse género nos causaria problemas com os núbios. Eles são um bocado suscetíveis.

— Não duvido. Calculo que tenham imaginado que essa expedição era



um prelúdio de uma invasão. Que outro motivo teria Cláudio para querer ver a área mapeada?

— O secretário imperial assegurou-me firmemente que não existiam planos para invadir a Núbia. O propósito da expedição seria puramente científico.

Macro coçou o rosto.

— Hum, senhor, e acreditou no Narciso?

— Quer se acredite ou não no Narciso, uma vez a ordem imperial dada, não há nada a fazer. Portanto, enviei uma equipa de cartógrafos pelo Nilo acima, com uma pequena escolta e uma mensagem de boa vontade.— Interrompeu-se.

— O que é que aconteceu? — indagou Macro.

— O príncipe Talmis enviou-nos as cabeças; com uma mensagem de aviso para não metermos os narizes no território da Núbia.

Cato debruçou-se para a frente.

— E, naturalmente, foi enviada uma coluna punitiva.

— Claro. Que mais podia eu fazer? Roma não está nunca preparada para sofrer uma afronta desse calibre à sua autoridade. Os nossos homens queimaram várias povoações, escravizaram mais de um milhar de pessoas e destruíram todas as estruturas de irrigação que encontraram pelo caminho. Desde então temos sofrido estes ataques, e tive mesmo de enviar reforços para o Sul, para consolidar as nossas defesas ao longo da fronteira. Em circunstâncias normais, a guarnição do Egito é perfeitamente capaz de defender a província e manter a ordem. Temos duas legiões, a Terceira, que está baseada aqui em Alexandria, e a Vigésima Segunda, que está em Heliópolis. E há ainda nove coortes de auxiliares, dispostas em fortes espalhados pelo delta e ao longo do Nilo. Porém, como sabem perfeitamente, tive de emprestar ao meu bom amigo, o senador Semprônio, três mil homens da Terceira Legião e duas coortes de auxiliares, para estancar a revolta em Creta. Ele ainda não me devolveu a maior parte desses homens. Neste momento só disponho de duas coortes de legionários para aguentar Alexandria. Um milhar de homens para controlar mais de meio milhão. Nada fácil, mesmo em tempos de calma. Mas desde que esta história do Ajax começou — se é que vocês me estão a contar a verdade —, os marinheiros e mercadores não se calam com exigências de proteção. Mais um problema, para lá das habituais querelas entre judeus e gregos. E depois ainda temos os fellahin, os camponeses que habitam ao longo da costa, à beira da revolta graças a estes ataques às aldeias e ao saque do templo. Ah, e ainda há outra coisa — juntou, em tom amargo. — As últimas leituras dos nilómetros sugerem que vamos ter uma colheita fraca.

— Pouca água? — inquiriu Cato.

Petrónio abanou a cabeça.

— Não, demasiada. A enchente do Nilo este ano vai ser maior do que é costume, o que quer dizer que vai levar mais tempo para a água recuar, e portanto a sementeira terá de ser feita mais tarde. Os fellahin vão passar fome, e a cobrança de impostos vai cair. Tenho homens suficientes para tratar do primeiro problema, mas tão certo como Vulcano trabalhar na forja, isto vai cair-me em cima do pescoço assim que o tesouro imperial detetar uma queda nas receitas fiscais do Egito. — Petrónio ergueu as mãos, desalentado. — Portanto, como veem, o vosso amigo Ajax entrou em cena no pior momento possível.

Os olhos de Macro semicerraram-se perigosamente.

— O Ajax é tudo menos meu amigo, senhor.

— Uma figura de estilo, nada mais — desculpou-se Petrónio, sem dar importância ao assunto.

Foram interrompidos por um batucar de dedos na porta. Viraram-se os três para o guarda que entrava na sala.

— Senhor, trouxe o monhé do templo, está lá fora.

Petrónio agitou-se, exasperado.

— Soldado, apreciaria sobremaneira que tu e os teus companheiros escolhessem um termo menos pejorativo para se referirem aos cidadãos desta nossa província.

O homem piscou os olhos.

— Senhor?

— Egípcios, e não monhés, está bem?

— Sim, senhor.

— Muito bem, trá-lo cá para dentro.

Cato olhou para Macro e respirou fundo enquanto esperavam pela aparição do sobrevivente do ataque ao templo, e pela história que tinha para contar.

**H**amedes era alto e de constituição sólida. O crânio, ferido, tinha sido rrapado, mas vários dias sem atenção tinham-lhe providenciado uma penugem escura. Era ligeiramente mais novo que Cato, e tinha olhos encovados que ladeavam um nariz largo e curvo, típico dos nativos daquela região. Envergava uma túnica vermelha militar sem adornos, que Cato adivinhou que lhe devia ter sido emprestada. Colocou-se à frente deles de pés nus, sem mostrar quaisquer sinais de submissão. Falava num grego fluente.

— Senhor, mandou-me chamar — anunciou, fazendo soar a primeira palavra como um favor.

— Mandei, de facto — concordou o governador. — Gostaria que contasses a tua história a estes dois oficiais.

— Porquê? Já fiz um depoimento completo que foi recolhido por um escriba. Não me parece portanto necessário repeti-lo, seria apenas uma perda de tempo.

— Não é preciso agir com toda essa altivez — instou Macro, lançando uma careta que teria enervado qualquer homem menos confiante que Hamedes. — Porta-te bem e conta-nos os detalhes.

O sacerdote contemplou Macro de alto a baixo.

— E a quem me dirijo agora, se posso saber?

Macro inchou o peito antes de ripostar.

— Centurião...

— Basta! — interrompeu Cato. — Estás aqui para responder às nossas perguntas, e não para colocar as tuas.

— A sério? Supunha que a razão para a minha presença era o facto de ser testemunha da agressão romana contra o templo de Ísis em Keirkut. Templo esse agora reduzido a ruínas, e os seus servidores a nada mais do que carne para satisfazer o apetite dos abutres. Estou aqui para garantir que justiça lhes será feita, senhor. — Fez uma curta pausa. — Isso, claro, se aqueles que vieram de Roma possuírem alguma familiaridade com este conceito. Entretanto, e ao que parece, não passo de um prisioneiro.

Macro deitou uma olhadela a Cato e falou calmamente.

— Este é mesmo convencido, não é? Se ele quer mesmo brincar, terei todo o prazer em interrogá-lo a sério.

— Ainda não — contrapôs Cato. — Vamos ver o que conseguimos por meios menos agressivos, sim?

Voltou-se para Hamedes.

— O governador solicitou-nos que colaborássemos na sua investigação sobre o incidente que referes. Podíamos de facto ler o teu depoimento, mas preferia ouvir o relato diretamente dos teus lábios. Seria de grande importância para nos permitir procurar a justiça que solicitas.

O jovem sacerdote encarou-o, e acabou por anuir.

— Muito bem. Estou pronto a colaborar para esse fim.

— És muito gentil — resmungou Macro, e Cato lançou-lhe um olhar de aviso.

— Conta-lhes o que me contaste, Hamedes — pediu Petrônio. — Por favor.

— Muito bem. — Cerrou os olhos por momentos, como que para compor os pensamentos. — Surgiram na última hora do dia. O sumo sacerdote tinha já dado início à cerimónia que marca a entrada de Rá no submundo. Os altos sacerdotes estavam junto ao altar, perto do cais. Nós, os outros, ajoelhávamos na margem do rio, em volta da barca sagrada. Foi nessa altura que reparei na vela. Uma nave de guerra romana tinha começado a subir o rio, e dirigia-se para a margem leste. O sumo sacerdote não pareceu dar-lhe qualquer atenção, e prosseguiu com a cerimónia, enquanto preparava o molho de trigo que ia ser queimado como oferta a Rá, o mais sábio e piedoso. — Hamedes juntou as mãos e baixou a cabeça por breves instantes. — O navio continuou a aproximar-se. No último instante recolheram a vela e viraram de bordo para acostar aos degraus que desciam para o Nilo. De imediato lançaram uma prancha e começaram a desembarcar.

— Vinham de uniforme? — indagou Cato. — Como eu, por exemplo?

— Tinham túnicas como a tua, mas brancas. Empunhavam espadas, escudos e capacetes como os que são usados pelos vossos auxiliares.

— Fuzileiros, portanto — comentou Macro. — Bate certo com o que sabemos.

Cato assentiu.

— Continua. O que se passou depois?

— Cercaram-nos e obrigaram-nos a juntarmo-nos em torno da barca de Rá, o mais sábio e piedoso. — Hamedes repetiu o gesto anterior. — Todos, exceto o sumo sacerdote. Separaram-no para ser interrogado pelo comandante. Que foi o último a vir a terra.

— És capaz de o descrever? — indagou Cato, fazendo por ignorar o olhar que Petrônio lhe lançou.

Hamedes franziu o sobrolho.

— Alto, musculado. Olhos castanhos. Com aparência mais de grego que de romano, como seria de esperar aqui no Egito. Envergava uma armadura de placas, um capacete com plumas e um manto azul. E trazia uma espada, do tipo que vocês romanos usam.

— Viste-o de perto, portanto?

— Sim, estava próximo quando ele interrogou o sumo sacerdote.

— Portanto serias capaz de o reconhecer, se voltasses a encontrá-lo?

— Com toda a certeza.

— Ótimo. — Cato fez um gesto com a mão. — Prossegue, por favor.

Hamedes assentiu.

— Disse ao sacerdote que estava a agir por ordem do governador de Alexandria. Anunciou que tinha sido proclamado um édito, pelo qual todo o ouro e prata existente nos templos era confiscado. Exigiu que o sumo sacerdote lhe indicasse a localização do nosso cofre. O que foi recusado. O sacerdote, furioso, fez notar que o templo era solo sagrado, e que os romanos o estavam a profanar. Ordenou-lhe que pegasse nos seus homens e se fosse. Mas o oficial deu ordens para que lhe fosse trazido um dos sacerdotes menores. Desembainhou a espada e decapitou-o. Perguntou outra vez ao sumo sacerdote onde era o cofre, e quando não obteve resposta, executou outro homem. Continuou a matar-nos, um a um, até que por fim o sumo sacerdote cedeu. Amaldiçoou o romano, e levou-o até ao cofre. Os romanos obrigaram quatro de nós a levar as arcas repletas de moedas de ouro e prata até ao navio. Então, quando tudo estava terminado, começou a executar os que ainda viviam, a começar pelo sumo sacerdote. — Hamedes fez uma pausa, e quando retomou o relato, tinha um tremor na voz. — Vi o sangue a correr pelos degraus e a misturar-se com a água do Nilo...

— Tentaste escapar? — quis saber Cato. — Escondeste-te, talvez?

— Não. Estava demasiado aterrorizado para me conseguir mover. Como estávamos todos, acho. Antes que me apercebesse, era já o único sobrevivente. Ele aproximou-se de mim, mais perto ainda do que estamos agora, e encarou-me em silêncio durante algum tempo. Estava certo que me ia liquidar, portanto virei-me para o poente para oferecer uma última prece a Rá, o mais sábio e piedoso...

— Sim, sim, obrigado — interrompeu Macro. — Acho que já conhecemos essa parte. Segue lá com a história.

Hamedes olhou-o com irritação.

— Orei, mas ele agarrou-me pelo ombro e fez-me rodar para o olhar de frente. Disse que Roma já estava farta da insolência dos nossos sacerdotes. Disse que o Imperador decretara que era tempo de as antigas religiões

serem obliteradas. Disse-me ainda que fora poupado para poder espalhar a mensagem. Por fim, disse que eu devia recordar o seu nome, e que ele agia de acordo com as ordens do vosso Imperador, Cláudio.

— O mais sábio e piedoso — murmurou Macro, e abanou a cabeça à laia de desculpa quando Cato lhe franziu o cenho.

Cato virou-se e olhou o sacerdote nos olhos, sem vacilar.

— E como se chamava esse oficial?

— Como já disse ao escriba — respondeu Hamedes dirigindo-se a Petrónio, e acenando na direção do canto da sala. — Ele disse que era um prefeito. O prefeito Quinto Licínio Cato.

— Estás certo disso?

— Sim. Ele obrigou-me a repetir o nome.

— E depois?

— Atingiu-me na cabeça com a guarda da espada. Perdi os sentidos. Quando acordei, jazia misturado com os corpos dos outros sacerdotes, as minhas vestes ensopadas no seu sangue. Os romanos tinham desaparecido. Tinham deitado fogo às acomodações dos sacerdotes, e tinham enchido o templo de madeira, folhas de palmeira e óleo, ateando o fogo também lá. As pinturas nas paredes, os sagrados registos do templo, ardeu tudo. O incêndio lavrou toda a noite, e de manhã tudo o que restava era uma casca calcinada. — Hamedes estremeceu ao recordar. — Estava só. O templo já não existia. Tudo o que me restava era vir até aqui e reclamar justiça. Isso, ou vingança. Por todos os deuses do meu povo, juro que hei de encontrar e matar esse romano, esse tal prefeito Cato.

— O homem que atacou o teu templo não é nenhum romano — afirmou Cato com firmeza. — Não passa de um escravo, um fugitivo, que se faz passar por romano. Tem andado pela costa do Egito no último mês, e tem passado o tempo a matar o teu povo.

— Era um romano, sim — ripostou Hamedes com veemência. — Queres que acredite que não o era? Os seus homens, também estavam a fingir? O navio, uma imitação de um navio romano? Por quem me tomas, por um idiota?

— O navio era verdadeiro. E ele e os seus homens também envergavam verdadeiros uniformes romanos. O nome desse homem é Ajax. Capturou o navio, e assassinou a tripulação. Há meses que o perseguimos.

Hamedes enfrentou Cato sem esconder a suspeita.

— Não acredito no que dizes.

Petrônio designou Cato com um gesto.

— Alguma vez viste este oficial antes? Ou o que está sentado ao seu lado?

— Não.

— Estás certo disso?  
— Absolutamente. Até há pouco, nunca os tinha encontrado.  
— Então ficarás certamente surpreso se eu te disser que este homem é o prefeito Cato, e que o seu companheiro é o centurião Macro.

Hamedes abanou a cabeça.

— Que embuste é este?

— Não é embuste nenhum — assegurou o governador. — Ou melhor, não é nosso, nem aqui, nem agora. Este homem é o prefeito Cato, e tudo o que afirma é verdade. O assassino que atacou o templo e massacrou os teus companheiros é um impostor. O seu intento é o de provocar o teu povo e levá-lo à revolta. Quer encher os seus corações com o desejo de vingança. E tem tido um admirável sucesso. Agora sabes toda a verdade. Preciso que nos auxilies, Hamedes.

O egípcio ainda parecia aturdido, e Petrónio adotou um tom mais suave na voz.

— És um sacerdote. O teu povo respeita-te, a tua palavra é aceite como boa. Preciso que lhes contes a verdade. Não apenas a eles, mas a toda a gente em Alexandria.

— Senhor, o que me está a propor?

— Vou convocar os chefes das guildas de mercadores e armadores. Conceder-lhes-ei uma audiência no palácio, e nessa altura poder-lhes-ás contar aquilo que hoje ficaste a saber.

— E porque hão de eles acreditar na minha palavra? Sabe bem a forma como os habitantes de Alexandria olham para nós, egípcios. Porque hão de aceitar a palavra de um deles?

— Porque suspeito bem que os egípcios comuns desprezam os romanos ainda mais do que são eles mesmos desprezados pelos gregos. Se surgires ao nosso lado, isso dará aos gregos matéria para ponderar. Será bem melhor que sejas tu a revelar a verdade sobre Ajax, e não nós, romanos.

Hamedes anuiu.

— Compreendo. Só espero que acreditem em mim.

Nessa noite, o governador Petrónio estava sentado num cadeirão ornamentado e formal, num estrado elevado ao fundo do salão de audiências. De um lado estavam Cato e Macro, de pé, do outro um par de escribas sentados em tapetes, um encarregado de registar as palavras do governador, o outro para anotar os comentários dos seus convidados. Como era seu costume, Petrónio queria assegurar-se de que ficava com um registo da reunião, que seria fundamental para uma futura defesa num hipotético julgamento em Roma, caso viesse alguma vez a ser acusado de corrupção ou incompetência.

O salão de audiências era ladeado por altas colunas, cujos capitéis exibiam o desenho característico do Egito, uma flor de lótus. Era precisamente o mesmo salão a partir do qual os Ptolomeus tinham anunciado os seus decretos a todo o reino. A última da dinastia, Cleópatra, tinha ali recebido primeiro Gaio Júlio César, e depois Marco António, sentada na mesma posição que agora era ocupada pelo governador. Contudo, o brilho cerimonial e os solenes discursos de amizade entre duas grandes potências há muito tinham sido engolidos pela História. Em vez disso, havia uma multidão de alexandrinos ansiosos e irritados, mantidos no lugar por uma linha de soldados romanos de faces austeras. Hamedes tinha acabado de lhes relatar as suas experiências, e tinha confirmado que o homem que dissera ser o prefeito Cato não era o mesmo que estava de pé ao lado do governador. Outras testemunhas poupadas por Ajax tinham sido chamadas para confirmar o anúncio feito pelo governador de que os atacantes eram impostores.

A princípio tinham-se erguido apenas uma ou duas vozes para denunciar o governador, acusando-o de acolher renegados no seio das forças romanas que ocupavam o Egito. Petrónio escutou os argumentos com toda a paciência durante alguns minutos, até que demasiadas vozes se lançaram em brados apaixonados, que impediam mesmo que se percebesse o que estava a ser dito. Nessa altura, inclinou-se ligeiramente para Macro.

— Centurião, faz-me um favor e pede-lhes para se calarem.

— Sim, senhor. — Macro respirou fundo. Colocou as mãos em concha em torno da boca e soltou um único grito. — SILÊNCIO!

O salão tinha sido desenhado de forma a que as ordens vindas do trono ecoassem com clareza, mas em todo o caso a voz de Macro, habituada às paradas, era bem capaz de fazer imobilizar imediatamente um recruta, mesmo que a algumas centenas de passos de distância. As línguas dos alexandrinos ficaram de súbito presas, e quando o silêncio voltou a imperar, Petrónio tomou a palavra.

— Asseguro-vos que os homens que têm andado a atacar as povoações costeiras e a abordar os vossos navios não são romanos. O paradeiro de todos os navios da esquadra de Alexandria é perfeitamente conhecido. Os responsáveis por esta vaga de terror são outros, e o seu líder já foi identificado: trata-se de um escravo fugitivo, Ajax. — Fez uma pausa. — Tendo isso em mente, confio em que posso esperar que regressem às vossas comunidades e ajudem a extinguir os rumores que correm por todos os cantos da cidade. É a única medida responsável a tomar. Se for descoberto que alguém dos aqui presentes ajudou a espalhar a mentira de que forças romanas estiveram envolvidas nestes ataques, não terei escolha a não ser acusá-los de sedição. E os que forem considerados culpados enfrentarão o confisco dos bens e o exílio, ou a morte.



Um burburinho elevou-se da multidão, até que um homem se adiantou e ergueu uma mão.

— Senhor, posso falar?

Petrônio anuiu.

— Uma coisa é descobrir a verdade por trás dos ataques, outra e muito diferente é pôr-lhes fim. Esse fugitivo e o seu bando andam ainda à solta por aí. O que se propõe fazer quanto a esta ameaça às nossas atividades comerciais? Posso assegurar-lhe de que nas províncias vizinhas já se fala das perdas que temos sofrido. Os armadores começam a recusar-se a enviar os seus navios de e para Alexandria, e os que o fazem cobram preços ruinosos. Estou certo de que falo por todos os mercadores aqui presentes quando afirmo que pago todos os meus impostos, e que em retorno espero que os meus negócios sejam ativamente protegidos.

— Evidentemente! — ripostou Petrónio em voz bem alta. — E eu por mim estou também certo de que todos estão fortemente empenhados na proteção das vidas dos tripulantes dos navios que transportam os vossos bens.

O mercador agitou-se, desconfortável, mas anuiu.

— Naturalmente. Nem é preciso dizer que o bem-estar dos nossos funcionários e das tripulações dos navios fretados é caro aos nossos corações.

— Primeiro é preciso assumir que têm corações — comentou Macro em surdina.

— Uma assunção e peras — retorquiu Cato no mesmo tom.

Petrônio olhou-os de relance e voltou de novo a sua atenção para o porta-voz dos alexandrinos, que prosseguia.

— Senhor, a pergunta que lhe pus continua por responder. O que tenciona fazer quanto a esse renegado?

— Estamos a tratar do assunto. O prefeito Cato vai conduzir uma força especial com ordens para encontrar e destruir este escravo renegado.

— Ao que parece, o prefeito não tem tido muita sorte até aqui! — proclamou uma voz no meio do grupo. De imediato se elevou um irado coro de assentimento, até que Petrónio levantou as mãos e solicitou que o escutassem.

— Tenho a maior confiança no prefeito Cato. É o homem indicado para este trabalho, e creio que será uma questão de dias até ele completar a missão.

— Quantos dias? — inquiriu outro dos mercadores. — Já passou mais de um mês desde que começaram os problemas. Outro mês assim e estarei arruinado.

Mais gritos se soltaram, sobrepondo-se ao tom geral de contestação.

— Calados! — exigiu o prefeito, um tanto ansioso. — Calados, já disse!

O prefeito Cato vai ter ao seu dispor todos os recursos militares de Alexandria, de forma a que a captura ou destruição de Ajax ocorra sem mais demoras.

Macro deu um toque em Cato.

— Esta é novidade para mim.

— E para mim. — Cato sorriu sem vontade. — Enfim, não deixam de ser boas notícias. Finalmente.

— Que mais podia eu dizer? — começou Petrónio, irritado, quando teve ocasião de conversar com os dois oficiais, nos seus aposentos privados, depois da audiência. — Vocês ouviram-nos. Estavam praticamente em revolta aberta. Alguns deles têm contactos influentes em Roma. E como se isso não fosse suficientemente mau, os dois últimos Imperadores distribuíram aos seus favoritos propriedades no Egito como se fossem biscoitos. Até o Narciso é dono de algumas parcelas de terra no delta. O comércio de cereais e de outros produtos dessas propriedades está a ser posto em causa pelo Ajax. O Narciso é o tipo de homem influente a quem eu preferia não causar azia. Portanto, é vital que ele e os seus amigos saibam que estou a fazer tudo o que posso para acalmar as tensões aqui em Alexandria.

— Mas na realidade não nos vai pôr nas mãos tudo aquilo de que precisamos para terminar este trabalho, pois não, senhor? — questionou Macro.

— Não. Não posso. Já vos disse, as nossas forças já estão esticadas ao máximo. Não me posso permitir empenhá-las numa espécie de caça aos gambuzinos.

— Não seria nenhuma caça aos gambuzinos se tivéssemos mais homens e navios — persistiu Macro. — Poderíamos percorrer o terreno muito mais rapidamente, e quando encontrássemos o Ajax, teríamos uma esmagadora superioridade em número de combatentes.

— Se o encontrarem.

— Havemos de o encontrar — afirmou Cato com firmeza. — Tem a minha palavra quanto a isso.

— E se ele deixar o delta? — interrogou Petrónio. — E se ele navegar para norte, ou para ocidente? E então? Vão gastar tempo e material a perseguir uma sombra.

— Ele não vai deixar esta área. Porque o faria? Está a ter um extraordinário sucesso no acirrar dos sentimentos dos nativos contra Roma. Vai ficar por aqui enquanto achar que está a prejudicar os nossos interesses no Egito. Dê-nos uma frota decente e havemos de o encontrar e encurralar em pouco tempo.

— Uma frota? — Petrónio sorriu, a zombar da ideia. — Já estou no

ponto em que tenho de usar os fuzileiros para assegurar todas as patrulhas na cidade. Além disso, todos os homens são necessários para conter os núbios.

— Preciso da frota — insistiu Cato.

Petrônio respirou fundo, irritado, e considerou o pedido por momentos.

— Dou-te mais seis navios. Mas só por um mês. Não posso dispensá-los nem mais um dia.

Cato pesou a oferta. Oito navios deviam chegar para tratar de Ajax e dos seus homens, mas o limite temporal era um problema.

— Um mês poderá não chegar.

— Mas é tudo o que tens. Depois disso, quero que tu e os teus homens se juntem à Vigésima Segunda, em Diospolis Magna. Portanto, prefeito, sugiro que te ponhas a mexer.

É como andar à procura de um grão de areia numa saca de sal — protestou Macro, enquanto seguia Cato e Hamedes pela faixa arenosa, para junto dos barcos de pesca puxados para terra. — O cabrão do Ajax é praticamente invisível.

— Havemos de o encontrar — retorquiu Cato, calmamente. — Custe o que custar.

— Não é o que vai custar, é quando. O mês está quase no fim, Cato. Se não o encontrarmos nos próximos cinco dias, teremos de desistir.

— Estou perfeitamente ciente disso, centurião.

Macro cerrou os lábios até estes formarem uma fina linha. O falhanço na tentativa de localizar Ajax pesava fortemente no espírito do amigo, e Cato tinha desenvolvido recentemente a estratégia de se referir à patente inferior do veterano sempre que estava farto de uma conversa ou não se queria ver contradito. Portanto, prosseguiram em silêncio, descendo a praia para junto dos pescadores, concentrados na tarefa de recolher os agitados peixes prateados das redes e lançá-los para cestas. Hamedes ia à fente, pronto para se dirigir aos nativos na sua própria língua, para lhes garantir que o trio não constituía qualquer tipo de ameaça. O sacerdote tinha-se voluntariado para se juntar à caça quando Cato lhe pedira para atuar como guia e intérprete. O templo de Keirkut tinha sido a sua vida. Fora recrutado para as fileiras sacerdotais praticamente ainda uma criança, e os outros homens no templo tinham sido a única família que conhecera; o desejo de vingança ardia-lhe nas veias.

Cato e Macro usavam apenas as túnicas e cintos, com as bainhas em que levavam as adagas por trás das costas, fora de vista. Hamedes usava as vestes largas e flutuantes de um camponês. Os botes de pesca tinham sido avistados por um dos esquifes que Cato enviara para patrulhar a foz do Nilo, enquanto o resto da flotilha se mantinha ancorada numa pequena enseada próxima. Cato e os companheiros tinham desembarcado sem serem avistados pelos pescadores, e tinham removido as armaduras antes de tentarem aquela aproximação.

Depois das depredações de Ajax, tinha-se tornado muito difícil reco-

lher qualquer informação nas pequenas aldeias egípcias ao longo da costa. À primeira vista de uma vela romana ou de homens em uniformes das legiões, os aldeãos fugiam sem pensar em mais nada. As únicas notícias que Cato tinha conseguido dos locais tinham saído de ocasionais interceções das raras embarcações que se atreviam ainda a fazer-se ao mar, e das poucas vezes em que tinham conseguido aproximar-se dos habitantes locais sem lhes provocar a fuga, como naquela ocasião.

— Já nos viram — murmurou Macro, quando um dos pescadores levantou a vista, estando eles já a menos de cem passos. O homem chamou imediatamente os seus companheiros, e todos largaram as redes, passando a empunhar bastões e facas de amanhar. Estavam claramente divididos entre a vontade de abandonar a pescaria e fugir, ou ficar e confrontar os três homens que se aproximavam. Eram doze, contou Macro, portanto quatro para cada um deles, se houvesse confusão. Os pescadores eram tipos magros e ossudos, e não eram de todo combatentes profissionais. Ainda assim, a esmagadora vantagem numérica emprestava-lhes coragem suficiente para tentarem enfrentar os três homens que observavam a aproximarem-se, sem disfarçarem a desconfiança.

— Diz-lhes que não lhes faremos mal — indicou Cato a Hamedes. — Queremos comprar-lhes a pescaria, e conversar.

Hamedes assentiu e lançou uma saudação amigável. O mais próximo dos pescadores respondeu de forma algo ríspida, enquanto fazia um gesto claro com a mão, indicando-lhes que se detivessem. Seguiu-se uma rápida troca de palavras, e por fim Hamedes virou-se para Cato.

— Disse-lhes quem éramos. O que falou é o chefe da aldeia. Quis saber se estávamos sozinhos. Disse-lhe que sim.

Cato anuiu, desconfiado, e esperando que os fuzileiros que tinha deixado junto ao esquife se mantivessem escondidos, como lhes fora ordenado.

— Pergunta-lhe se viram outros romanos por aqui nos últimos tempos.

A troca de palavras foi longa, e o chefe local agitou as mãos várias vezes, apontando ao longo do rio. Por fim, o sacerdote dirigiu-se de novo a Cato.

— Um navio de guerra entrou pela boca do rio há alguns dias. Ficou aqui toda a noite, e de manhã seguiu viagem.

— Em que direção?

— Ocidente.

— Para o nosso lado? — Macro franziu o sobrolho. — Não o vimos.

— Deve ter-se esgueirado no meio da escuridão — concluiu Cato.

— Ou podem ter-nos avistado primeiro e dado meia-volta, ou terem-se escondido na costa. Supondo, claro, que se tratava do Ajax. — Pesou a situ-

ação. — Só pode ser ele. Não é suposto haver outras forças navais em ação no delta.

Cato fez um gesto a designar os barcos, pequenas embarcações feitas de feixes de papiros, amarrados em conjunto.

— Pergunta-lhe se podemos comprar parte do peixe que apanharam.

Hamedes traduziu, e o outro homem acenou-lhes para se aproximarem, embora continuasse a não esconder a sua desconfiança. Cato manteve as mãos sempre à vista, e avançou. Os olhos escuros dos pescadores mantinham-se presos nele, e eles recuaram, formando um semicírculo, enquanto Cato e os companheiros se aproximavam das cestas. Dúzias e dúzias de peixes ainda se agitavam lá dentro, aos pulos, enquanto outros abriam e fechavam as bocas ossudas, como se tentassem respirar. Nas redes havia ainda mais peixes a debaterem-se. Cato apontou-os.

— Diz-lhe que não era nossa intenção interromper a faina. Podem continuar a trabalhar enquanto conversamos.

Os homens não pararam de lançar olhares desconfiados aos visitantes, mas recomeçaram a recolher os peixes da malha das redes com dedos hábeis, enquanto o chefe continuava a falar com Hamedes.

— Ele quer saber quanto é que queres comprar.

— Uma cesta chega. — Cato tirou a bolsa do cinto e extraiu algumas das moedas de prata que Petrônio lhe tinha entregue para obter abastecimentos para a flotilha. — Ora aqui estão dez óbolos.

Os olhos do chefe faiscaram, e a sua face rapidamente assumiu uma expressão de desdém.

— Ele quer vinte. Diz que tem muitas bocas para alimentar na aldeia. Se vender a pescaria, muita gente passará fome esta noite.

— Ora, o que ele quer é regatear — resmungou Macro.

— Doze — propôs Cato. — É um preço justo. Diz-lhe isso.

O chefe voltou a abanar a cabeça.

— Quinze. Diz que se está a prejudicar. Mas percebeu que és um homem bom, e portanto oferece-te este preço especial.

— Quinze óbolos. — Macro bufou, exasperado. — Ele julga que somos alguns idiotas chapados?

— Chhh — instou Cato. — Seja, quinze.

Contou as moedas e passou-as para as mãos do outro. O chefe dos pescadores agarrou-as com avidez e enfiou-as rapidamente numa sacola imunda a bordo do mais próximo dos barcos.

— Diz-lhe que há mais cinco óbolos à espera dele se nos puder informar se ouviu alguma coisa sobre a localização dos homens que têm vindo a realizar os ataques ao longo da costa. Pergunta-lhe se tem alguma ideia do sítio onde possam estar escondidos.

O homem fez menção de considerar a proposta.

— Ele diz que te contará tudo o que sabe se lhe deres dez óbolos.

— O descaramento deste sacaninha de merda! — explodiu Macro. — Cato, queres que o convença a fazer-nos um desconto?

— Não. Precisamos de todo o apoio local. A última coisa que queremos, centurião, é fazer o jogo do Ajax, entendido?

— Sim, senhor.

Cato entregou mais algumas moedas, e esperou que Hamedes traduzisse.

— Diz ele que uma aldeia foi atacada há dois dias, na ria mais próxima a ocidente. A maior parte dos aldeãos escapou e fugiu para a aldeia destes. Por isso é que agora tem tantas bocas para alimentar.

— Escapou-nos qualquer coisa — comentou Macro. — Se calhar, não passou mesmo por nós. Senhor, acho que devíamos voltar para trás e investigar a região a oeste.

Cato guardou silêncio por momentos. Os navios que comandava tinham varrido a costa entre Alexandria e aquela área mais oriental da foz do Nilo. Todas as baías e rias tinham sido exploradas. E para lá da ocasional evidência de um dos ataques do Ajax, não tinha sido encontrado qualquer traço dos fugitivos. Era possível até que tivessem afundado o navio e se tivessem introduzido no delta, mas Cato estava convencido de que o inimigo não se arriscaria a abandonar o navio, que era a única forma de poder escapar para o oceano. Se as informações do chefe daqueles homens fossem corretas, havia duas possibilidades. Ou Ajax abandonara o delta e velejara para o Norte do Mediterrâneo, ou tinha escondido o seu navio tão bem que este passara despercebido à flotilha de Cato.

— O melhor é regressarmos aos navios. Hamedes, oferece-lhe os meus agradecimentos, e afiança-lhe que não descansaremos enquanto não tivermos destruído o Ajax. Nessa altura, ele e o seu povo poderão viver livremente e em paz.

O homem encolheu os ombros.

— Ele afirma que entre os perigos do Ajax e a brutal carga das taxas romanas, pouca paz pode um homem esperar. Não há liberdade, não para os mais pobres.

— Não há muito que possamos fazer quanto a isso — comentou Macro, afastando o assunto. — Olha, dá-me aqui uma ajuda com esta cesta.

Hamedes fez as despedidas do grupo e pegou numa das asas, enquanto Macro agarrava na outra. Depois, seguidos por Cato, perdido nos seus pensamentos, seguiram pela estreita faixa de praia até à ponta pedregosa onde se escondiam o esquite e os fuzileiros.

— Pelo menos esta noite vamos ter comida fresca — reconheceu Macro com ar feliz ao contemplar os peixes.

— Sim, darão uma bela refeição — concordou Hamedes, enquanto ajustava o peso com um grunhido.

— Espero bem que sim. Quase que aposto que este peixe é o mais caro que foi alguma vez apanhado no Egito — concluiu o centurião, pesaroso.

Nessa noite a tripulação do *Sobek* jantou carpa do Nilo frita, enquanto os homens dos outros navios na praia ruminavam as suas rações de biscoito rijo. Cato e Macro jantavam nos seus pratos de estanho à luz de uma bela fogueira de troncos de palmeira. Hamedes estava sentado de pernas cruzadas do outro lado do fogo, embrenhado na leitura de um rolo de preces que tinha trazido de um templo de Alexandria. O peixe, assado nas brasas, estava delicioso, refletiu Macro com satisfação enquanto pousava o prato e lambia os dedos. Deitou uma olhadela a Cato e viu o rosto do jovem de perfil, envolto num brilho avermelhado, profundamente concentrado. Macro deu uma palmada no peito e arrotou.

— Perdão.

— Hmmm? — Cato olhou em redor, com ar ausente.

— Ah, afinal ainda estás connosco.

— Sim. Evidentemente. — Cato baixou o prato de estanho e Macro apercebeu-se de que ainda lhe restava meio peixe. Fez um gesto na direção do alimento.

— Já acabaste?

Cato assentiu.

— Então não te importas se, hum...

— Sirva-se.

Macro agradeceu com um aceno rápido e atirou-se ao que restava de peixe.

— Há qualquer coisa que não bate certo no que os pescadores nos contaram — anunciou Cato calmamente. — Tenho a certeza que vasculhámos a costa a pente fino, e não encontrámos traços do Ajax ou do seu navio.

— Como é óbvio, não procurámos com toda a atenção — comentou Macro entre dentadas ávidas.

— É possível. Mas se eu estivesse no lugar dele, escolhia uma base o mais a leste possível de Alexandria, bem longe da sede da esquadra.

— Se fosses o Ajax, decerto que não querias estar a uma distância demasiado grande das rotas da navegação comercial.

— O que eu não quereria era estar perto de Alexandria. Queria estar algures bem afastado das rotas mais frequentadas, longe de quaisquer povoações e com uma boa saída para o mar alto, se fosse preciso escapar de



repente. Algures bem a leste de Alexandria. Portanto, amanhã não vamos voltar para trás. Vamos prosseguir para oriente.

Macro engoliu num repente e pousou o prato.

— Porquê? Ouviste o que descobrimos hoje. O último ataque ocorreu a oeste daqui, e foi nessa direção que viram o navio a afastar-se.

— É verdade, e não quero duvidar do que eles julgam que viram, mas não me consigo convencer de que o Ajax se esconde para essas bandas. Não faz sentido. Oiça, Macro, você conhece-o melhor do que eu.

— Obrigadinho por mo recordares.

— O Ajax é esperto como uma raposa. E está claramente determinado em causar-nos o máximo de danos possível. A mim e a si em particular, dado que ainda nos culpa pela morte do pai. Usar os nossos nomes foi uma bonita forma de nos lembrar disso.

— Portanto vocês conhecem-no? — interrompeu Hamedes, baixando o rolo de preces. — E conheciam o pai dele? Como?

Macro sorriu.

— O nosso homem, este Ajax, nem sempre foi um gladiador. Na sua vida anterior era um pirata, como o pai, Telémaco. O prefeito e eu fazíamos parte da expedição enviada para o destruir. Cumprimos a missão. O chefe dos piratas foi crucificado e o filho vendido como escravo, bem como todos os prisioneiros que capturámos. Mas logo por azar foi escolhido para receber treino de gladiador, e depois um idiota qualquer comprou-o para lhe servir de guarda-costas e levou-o para Creta. Neste momento, o que mais gostava era que tivéssemos pregado o filho ao lado do pai. Tínhamo-nos poupado a toda esta chatice, e a esta hora estaríamos descansados em Roma.

— Mas não o fizemos — interrompeu Cato. — E agora temos de acabar o trabalho que começámos há tanto tempo. Como já disse, o Ajax é esperto, e é alimentado pelo ódio. Mas duvido que renunciasse à vida só para conseguir uma vingança espetacular. Portanto, acho que ele deve ter um plano para abandonar o delta do Nilo se se sentir ameaçado de ficar aqui encurralado. É por isso que penso que ele está mais a leste. — Cato desenrolou a enxerga de vime e deitou-se, puxando o manto para se cobrir. — De manhã zarparamos para Cásio, e depois então regressamos a Alexandria.

No dia seguinte a flotilha fez-se de novo ao mar e rumou a leste com as velas enfunadas. Soprava uma brisa persistente, e o trierarca do *Sobek* aconselhou Cato a dar ordens para recolher algum do pano, de forma a reduzir a tensão nas velas, no mastro e no cordame. Estavam já próximos do limite do prazo que Petrónio lhes impusera para terminar a busca, e Cato estava

decidido a aproveitar o pouco tempo de que ainda dispunha. Ordenou ao trierarca que mantivesse todo o pano e comunicasse essas instruções aos outros navios.

Quando o Sol já se recolhia no horizonte, chegaram ao pequeno porto de Cásio, e passaram a noite a receber provisões e água. Pela alvorada voltaram a zarpar, de regresso a Alexandria. A intenção de Cato era vistoriar a linha de costa com todo o pormenor. Se Ajax estivesse escondido algures, seria por certo naquela extensão de costa. Estava certo disso.

O *Sobek* deixou o pontão no preciso momento em que o Sol surgia sobre o horizonte oriental. Hamedes pôs-se de joelhos de frente para o Sol e esticou os braços, mantendo os olhos fechados enquanto murmurava uma prece. Não era o único a realizar tais ações. Os membros da tripulação que partilhavam a fé do sacerdote imitaram-no, e cumpriram o ritual rapidamente, de forma a poderem retomar as suas tarefas. As velas foram ajustadas, todos os cabos foram verificados e presos. O sacerdote, cujos rituais eram mais elaborados, continuou a executá-los durante mais uns minutos, até que por fim se pôs de pé e libertou a tensão nos ombros. Percebeu que Cato o observava, e depois de uma curtíssima mas evidente hesitação, sorriu, à laia de saudação.

— Ofereci a Ísis algumas preces, para que possa ser hoje o dia em que encontrará o que procura.

— Obrigado — agradeceu Cato. — Parece-me que bem preciso de ajuda.

— Vela à vista! — gritou o vigia lá de cima do mastro.

— Em que direção? — indagou o trierarca.

— Mesmo em frente, senhor!

Cato apressou-se a tomar lugar à proa, seguido por Macro, e logo depois pelo trierarca e por Hamedes. O horizonte ocidental estava vazio. Durante alguns momentos todos esforçaram a vista, até que Cato esticou o braço e apontou.

— Além!

Os outros seguiram a direção indicada e quando o *Sobek* galgou uma onda, avistaram uma pequena mancha branca que logo voltou a desaparecer. O trierarca virou-se e olhou para cima, para o vigia.

— Consegues identificá-la? É uma embarcação de guerra?

Depois de uma longa pausa, veio a resposta.

— Não, senhor. É demasiado pequena para isso. Parece mais uma embarcação de recreio, uma coisa veloz. Sim, senhor. Estou certo disso. Alterou o rumo, e vem direita a nós.

— Veloz? — Macro coçou o queixo. — Pergunto-me quem poderá ter tanta pressa em nos encontrar.

— E mais importante, porquê? — adicionou Cato. — Trierarca, altera a rota para nos encontrarmos com aquela embarcação.

— Sim, senhor.

Rumaram de encontro a ela, e os dois navios aproximaram-se rapidamente. Menos de uma hora depois, um jovem oficial romano, que Cato reconheceu como um dos tribunos ao serviço de Petrônio, subia ao convés do *Sobek* e dirigia-se a Cato com passos firmes.

— Senhor, um despacho urgente do governador. — O tribuno apresentou um tubo de couro com o selo do governador bem evidente no fecho. Cato pegou-lhe, quebrou o selo e extraiu um rolo de papiro. Afastou-se para a amurada, desenrolou-o e leu rapidamente; repetiu a leitura para se assegurar de que entendia todo o conteúdo da mensagem. Enrolou-o de novo e acenou ao amigo.

— Macro, junte-se a mim, por favor.

— O que se passa, senhor? — perguntou o centurião em surdina, quando se aproximou de Cato.

— Os núbios atravessaram a fronteira. Invadiram o Egito. Petrônio ordenou à Vigésima Segunda que avançasse ao longo do Nilo até Diospolis Magna. Tenciona concentrar ali todas as forças que tem disponíveis antes de enfrentar os núbios.

— O que quer dizer que nos quer de volta a Alexandria imediatamente, imagino.

— Pois. — Cato cerrou o punho em torno do rolo, esmagando-o. — Ao que parece, somos obrigados a abandonar a perseguição ao Ajax.

O coração de Macro pareceu ficar de chumbo por via do desapontamento, e, ao olhar para o amigo, percebeu claramente que Cato partilhava do mesmo azedume. Macro limpou a garganta antes de falar.

— Senhor, é uma coisa momentânea. Assim que tratarmos dos núbios, voltaremos à busca. Não se preocupe, havemos de apanhar aquele cabrão. Há de pagar por tudo o que me fez, bem como à Júlia. Pela minha vida o juro.

Cato encarou-o e concordou.

— Como eu o faço.

Respirou fundo e atravessou o convés para falar ao tribuno.

— Diz ao governador que navegamos a todo o pano, e que depressa regressaremos a Alexandria.

— Sim, senhor. — O tribuno saudou-o, e depois hesitou. — Há alguma coisa que lhe deva relatar, senhor? Algum progresso na localização do renegado?

— Não. Não há nenhum progresso — admitiu Cato. — Agora despacha-te.

O tribuno foi até à amurada e desceu a escada de corda para o convés da esguia embarcação. A respetiva tripulação tratou de imediato de o afastar do costado da galera, e fez subir a vela triangular. O vento enfunou-a com um estalo, e a embarcação de recreio adornou ligeiramente enquanto ganhava velocidade e se afastava do *Sobek*, fazendo rumo a oeste.

Cato virou-se para o trierarca.

— Traça a rota para Alexandria. Sinaliza aos outros navios para que nos sigam.

— Sim, senhor.

Enquanto a galera se fazia ao caminho de regresso, Cato manteve-se encostado à amurada, contemplando a linha de costa. Ajax estava por ali, algures, e livre para poder prosseguir na senda da destruição por todo o delta, sem enfrentar a punição que merecia. Era uma dose difícil de engolir, mas a verdade é que não havia nada que pudesse ser feito.

O vento aumentou de intensidade ao longo do dia, e o mar engrossou, obrigando os navios a abrir caminho por entre as vagas, soltando grandes explosões de espuma sempre que um dos pesados aríetes de bronze das proas das galeras embatia na ondulação. O cordame estava todo ele esticado até ao limite e gemia enquanto vibrava; a base do mastro quase se dobrava perante a pressão na vela, e o trierarca lançava olhares ansiosos em todas as direções, temendo pelo seu navio. Então, a meio da tarde, ouviu-se um estalido, e, ao virar-se, Cato avistou um dos outros navios, o *Thoth*, a adornar perigosamente. A verga tinha-se estilhaçado, e a vela tombara ainda agarrada às pontas quebradas da grande peça de madeira.

— Amainem as velas! — ordenou o trierarca. — Passem a ordem aos outros navios!

Cato refreou a frustração enquanto a flotilha se imobilizava, dançando lentamente nas ondas. O trierarca apressou-se a ir à cabina consultar cartas e tabelas, mas depressa regressou para apresentar o relatório a Cato.

— Senhor, existe uma pequena base naval aqui perto na costa, junto à entrada do canal de Tanis. O *Thoth* pode dirigir-se para lá a remos, para instalar uma nova verga, e ainda nos apanhará esta noite. É o navio mais rápido da flotilha. Não lhe deve levar muito tempo a alcançar-nos.

— Muito bem, passa então essas ordens para o trierarca do *Thoth*. E assim que isso estiver feito, continuemos a caminho.

O trierarca anuiu e dirigiu-se à popa do navio, onde pegou num megafone e gritou as instruções para o *Íbis*, que depois as passou para o *Thoth*. Pouco depois, os remos emergiram do flanco do navio e começaram a impulsioná-lo através das ondas, a caminho da costa, enquanto alguns tripu-

lantes se encarregavam de limpar o convés, cortando cabos e madeiras. Os outros navios voltaram a subir as velas e retomaram a rota para ocidente.

A flotilha acostou numa praia muito antes do pôr-do-sol, de forma a permitir que o *Thoth* recuperasse o terreno perdido ainda antes do anoitecer. As tripulações entretiveram-se a preparar as suas fogueiras para a longa noite, e a cozinharem parte das rações frescas que tinham embarcado em Cásio. O Sol mergulhou no horizonte, e quando tocou as copas das palmeiras num promontório distante, Cato foi dar com Hamedes a perscrutar a imensidão azul.

— Julguei que estarias a orar. — Cato sorriu enquanto assinalava o Sol poente com o polegar esticado.

O sacerdote sorriu com ar culpado.

— Estou preocupado com o outro navio. Ainda não apareceu. Ainda nem sequer foi avistado.

— Pois não. Provavelmente as reparações levaram mais tempo do que o previsto. Imagino que uma pequena base não receba muitas visitas, para lá de... — Cato interrompeu-se. Uma sensação fria espalhou-se subitamente pelas suas entranhas. Virou-se e correu pela praia na direção do seu navio, à procura do trierarca.

— Essa base para onde mandaste o navio. Diz-me tudo o que sabes sobre ela.

— Já lá aportei algumas vezes ao longo dos anos. Não há muito a dizer. — O trierarca cerrou os lábios, concentrado. — Têm em armazém materiais e mantimentos. Há uma pequena equipa de carpinteiros para reparações de emergência. A guarnição vigia a entrada do canal de Tanis e faz patrulhas pelo delta. Antigamente tinha mais movimento, mas depois começou a assorear e os mangais invadiram o canal.

— Mostra-me onde fica no mapa — ordenou Cato.

Enquanto o trierarca se dirigia ao interior do navio, Macro aproximou-se.

— Estás com ar de quem engoliu uma bosta. O que se passa?

— Não sei bem — retorquiu Cato, tentando manter a ansiedade em níveis controláveis. — É um palpite. Uma possibilidade.

O trierarca regressou, trazendo nos braços um mapa enrolado. Ajoelhou-se sobre a areia, no círculo iluminado pela fogueira mais próxima, e abriu a carta. Com o dedo foi percorrendo a linha de costa até se deter.

— É aqui, senhor. É aqui que fica a tal base de abastecimento. Epichos.

As velas tinham sido retiradas das vergas, e estas puxadas para o convés, para reduzir as possibilidades de deteção a partir de terra enquanto se aproximavam. Os remos estavam em ação, e os navios avançavam muito lentamente para a costa. Cato encontrava-se na torre da proa, e esforçava a vista para divisar a silhueta distante de uma torre de vigia, que mal se distinguia contra o céu noturno. Macro tinha desembarcado duas horas antes com um punhado de legionários. Pouco depois tinha enviado um bote de regresso ao *Sobek*, para relatar que havia três navios na praia em frente à base, e que um deles era o *Thoth*. Não havia sinal de movimento a bordo. Para Cato isso constituía uma prova mais do que suficiente, e dera ordens para que o assalto que tinha planeado com Macro se efetuasse assim que a primeira réstea de luz surgisse a oriente.

Macro atacaria primeiro, de forma a tomar a torre de vigia no promontório, bem como o posto avançado, antes que as sentinelas conseguissem detetar os navios em aproximação e dessem o alarme. Tinha levado Hamedes com ele, para o caso de serem interpelados. Se tal sucedesse, o sacerdote daria a desculpa de que um rombo no seu pequeno barco de pesca o tinha forçado a rumar a terra. Talvez esse embuste lhes permitisse ganhar alguns momentos, os suficientes para aproveitar o efeito de surpresa. Assim que as torres estivessem nas mãos de Macro, daria sinal de ataque aos navios. Encurralados, impossibilitados de escapar para o mar alto, Ajax e os seus homens ficariam encurralados no forte. Teriam de se render, embora o mais provável seria que decidissem lutar até ao último homem. De uma forma ou de outra, o seu fim era certo, e estava próximo, animou-se Cato.

Ouviu a escada a ranger, e logo a seguir o trierarca aproximou-se.

— Ainda é demasiado cedo para o centurião Macro entrar em ação, calculo.

— Sim, mas já deve faltar pouco. — Cato contemplou o horizonte, e julgou distinguir um ténue traço luminoso a separar o mar e o céu. — Quando virmos o sinal, quero que o navio entre na baía o mais depressa possível. Não podemos deixar o Ajax escapar.

— Fá-lo-emos a tempo, senhor. O *Sobek* terá passado a ponta muito antes de o inimigo poder zarpar. Tem a minha palavra.

— Lembrar-me-ei disso.

Os dois homens mantiveram-se em silêncio por momentos, até que o trierarca arriscou uma questão.

— Senhor, acha que há alguma possibilidade de que alguns dos homens do *Thoth* tenham sido feitos prisioneiros?

— Duvido. Se bem conheço o Ajax, ele não os terá poupado. E talvez seja melhor assim.

— Senhor?

— Os prisioneiros que ele capturou durante a revolta em Creta foram em várias ocasiões mantidos vivos apenas para poderem enfrentar um destino bem pior do que uma morte rápida. — O tom de voz de Cato endureceu. — Os teus camaradas estão mortos. Pensa apenas em vingá-los.

— Sim, senhor.

Cato virou-se e contemplou as massas escuras dos outros navios. Não provinha deles qualquer som, embora centenas de fuzileiros e legionários aguardassem em prontidão no convés de cada um deles, e centenas de outros homens manejassem os remos. Para lá do marulhar da água contra os cascos e do mergulhar dos remos, as embarcações pareciam nada mais do que sombras que se encaminhavam para a costa.

— Além, senhor — indicou o trierarca. — A alvorada desponta.

Cato seguiu a indicação. No horizonte notava-se um brilho. Voltou-se de novo para a torre. Ainda nada. Sussurrou para si mesmo:

— Vá, Macro. Tudo depende de si.

Macro estava deitado no solo, junto a um afloramento rochoso. A uns vinte passos erguia-se a massa bojuda do posto avançado, recortando-se contra o céu sobre o promontório. Já havia uma luminosidade que lhe permitia aperceber-se de alguns detalhes do terreno à sua volta. O seu grupo tinha eliminado as sentinelas da torre de vigia e estava a preparar-se para avançar para o segundo objetivo quando surgira de repente um grupo de homens, vindos da direção do forte. Mal tinham tido tempo para se esconderem antes de os recém-chegados passarem por eles. Tinham sido trocadas algumas palavras com a torre, mas o ruído das ondas a chocarem contra as rochas não tinha permitido perceber o diálogo travado.

Se aquele grupo não partisse rapidamente, teria de arriscar um ataque contra números muito superiores. Tinha apenas dez legionários consigo, mais Hamedes. Dez homens contra a meia dúzia que tinha chegado, e talvez mais uns quatro ou cinco lá dentro. Dez romanos e um sacerdote, corrigiu-se. Ainda assim, Hamedes parecia um tipo sólido, e podia reve-

lar-se útil se a situação apertasse. Dois botes com as respectivas tripulações esperavam numa pequena enseada a meio do promontório, a postos para proceder a uma evacuação rápida se por algum motivo falhasse a tomada das torres e fosse preciso retirar.

Macro levou a mão atrás e desembainhou lentamente a espada, irritando-se por não conseguir evitar um raspar metálico quando a ponta emergiu da bainha. Segurou-a com todo o cuidado enquanto levantava a cabeça cuidadosamente, para tentar ter uma vista melhor para a torre. Ao seu lado, Hamedes respirou fundo e sussurrou:

— Centurião, devíamos recuar. Eles são muitos. Vão dar cabo de nós.

— Calado — instou Macro. — E não te mexas, ou sou eu mesmo quem te estripa.

Voltou a atenção para a torre, perfeitamente recortada contra o horizonte. Não faltaria muito para que as sentinelas avistassem os navios que se aproximavam e dessem o alarme. Por fim os homens vindos do forte deixaram a torre e regressaram pelo caminho por onde tinham vindo, ao longo do promontório. Ao passarem pelo esconderijo de Macro, o coração do centurião acelerou, já que reconheceu quem os liderava.

— Ajax — murmurou para si mesmo, com os dentes cerrados. Sentiu os músculos tensos como aço enquanto uma raiva gelada lhe tomava conta do ser; foi preciso recorrer a todo o seu autocontrolo para não saltar do esconderijo e desfazer o gladiador com uns golpes bem assentes. No solo, a tremer de fúria, as visões, os cheiros e as emoções preencheram-lhe a mente com uma crua intensidade ao recordar o vergonhoso tormento a que fora sujeito por Ajax. Torturas que tinha tentado suprimir da memória e olvidar. Coisas que nunca tinha confessado, nem ao seu maior amigo, Cato, e que nunca lhe revelaria. Fechou os olhos, apagando da visão o vulto de Ajax, já quase impercetível. Respirou fundo, combatendo as memórias que ameaçavam dominá-lo. Quando voltou a abrir os olhos, o gladiador e os seus companheiros já tinham desaparecido pelo caminho que levava à praia na parte interior do promontório.

Semiergueu-se e virou-se para os vultos silenciosos que esperavam no solo junto a ele.

— Venham — ordenou em surdina.

Avançou, mantendo-se agachado, e escutou o restolhar da erva seca quando os homens o seguiram. Aproveitando as zonas de sombra projetadas pelos rochedos, esgueirou-se até junto à torre. Conseguia ver que a pesada porta na base estava aberta. Lá em cima, na plataforma, escutavam-se vozes na conversa, sobre o ruído das ramagens de palmeira de que era feito o toldo, e que oscilavam com a brisa. Macro correu pelo espaço aberto em frente à torre, dirigindo-se diretamente à porta. Nes-



se preciso momento surgiu um vulto no umbral, que estacou, surpreso. Macro acelerou, enquanto baixava a ponta da espada. No último instante lançou a lâmina para a frente, rasgando o ventre do homem um momento antes de o atingir com o ombro no peito. Lançou o adversário através da porta, e pelo interior da torre, até chocar contra um dos postes que suportavam o piso de cima. O homem grunhiu, sem fôlego para mais, e saliva e sangue salpicaram o rosto de Macro. O centurião colocou a mão livre sobre a boca do outro, e empurrou a espada para cima, dilacerando os órgãos vitais. O homem lutou com desespero, mas de repente sucumbiu, desfalecendo sobre Macro. Este recuou, libertou a espada e deixou o corpo escorregar para o solo. Os seus homens já se acotovelavam no exíguo interior da torre.

— Que se passa aí em baixo? — quis saber uma voz, através das escadas de madeira que levavam à plataforma superior. — Pórcio?

Uma luz alaranjada e bruxuleante vinha de lá de cima, iluminando os degraus mais altos.

— Vamos a isto — rosnou Macro, correndo pelas escadas acima até ao primeiro nível da torre. Quando o alcançou, avistou um quarto com várias enxergas espalhadas junto às paredes, uma mesa rodeada por bancos e um armário para guardar as armas. Dois homens ocupavam o compartimento. Um estava deitado, soerguido e apoiado no cotovelo, acabado de despertar. O outro estava junto ao cimo das escadas, e perto das armas. Era mais rápido a apreender uma situação do que o seu companheiro que jazia no piso térreo, e pegou imediatamente numa lança cuja ponta orientou na direção de Macro e dos homens que o seguiam. A acerada ponta avançou e Macro desviou-se, chocando contra um banco e caindo desamparado no solo. O legionário que o seguia não se apercebeu do perigo até ser demasiado tarde, e a ponta da lança atingiu-o no ombro. O impacto fê-lo rodar e tombar para o lado. O homem seguinte conseguiu evitar a estocada e desferiu de imediato um potente golpe no pescoço do inimigo, quase o decepando. O renegado soltou um grito e tombou, enquanto largava o cabo da lança. O homem que estava ainda deitado tentou levantar-se, mas foi abatido antes de o conseguir.

— Ao telhado! — gritou Macro enquanto tentava recolocar-se de pé. — Despachem-se!

Os primeiros homens reagiram depressa, trepando o último lanço de escadas. Macro seguiu-os. Ouviu um grito de surpresa que rapidamente foi cortado. Ao sair para o telhado, o centurião olhou em redor. Em torno da plataforma havia um pequeno muro encimado por um corrimão de madeira. A um dos cantos ficava o toldo de folhas de palmeira. No canto oposto, o braseiro para sinalização. Havia ainda quatro balistas. De um pequeno

nicho na parede soltava-se um brilho tímido. Era uma lamparina, pronta para ser usada no acendimento do braseiro.

— Vocês os dois! — Macro apontou para os mais próximos dos seus homens. — Vão lá abaixo e selem a porta. Construam uma barricada decente com tudo o que encontrarem à mão.

Aproximou-se do parapeito e perscrutou o forte distante. Junto ao portão ardiavam várias tochas, e, graças a elas, avistava duas sentinelas a guardar a entrada, aparentemente despreocupadas. As silhuetas escuras de três navios distinguiram-se sobre a areia à frente do forte. Não havia sinais de qualquer alarme.

— Excelente — assentiu para si mesmo. Virou-se e dirigiu-se para junto do braseiro, pegando nalgum material para fazer uma acendalha. Pegou cuidadosamente na lamparina e desceu as escadas, saindo da torre. Pousou a lamparina, fez uma pilha com a acendalha junto à parede da torre virada para o mar, e aproximou-lhe a chama. A pálida labareda lambeu os ramos secos e a poalha de palmeira. Soltou-se uma pequena nuvem de fumo quando a chama pegou e se começou a espalhar pela pilha. A parede iluminou-se com um brilho em tom amarelo-vivo, e Macro recuou e olhou para o mar, esforçando-se até encontrar as distantes silhuetas dos navios.

Ouviu-se um grito no interior da torre, e Macro levantou o olhar; havia uma luz tremeluzente a escapar-se por uma pequena janela a meio da parede. O brilho cresceu rapidamente, e começou a escutar o crepitar de chamas.

— Mas que raio? — Apressou-se para a porta no preciso momento em que o primeiro dos seus homens saía esbaforido.

Agarrou o legionário com brusquidão.

— O que se passa?

— Senhor, declarou-se um incêndio na sala das sentinelas! A lamparina de óleo deve ter tombado e pegou fogo a uma das enxergas.

— Foda-se. — Macro rangeu os dentes. — Temos de o apagar, e depressa.

Correu pelas escadas acima. O ar já estava cheio de fumo e as chamas lambiam as paredes, iluminando o compartimento com uma luz infernal, avermelhada. Ouviam-se gritos vindos de cima, à medida que as labaredas avançavam para as escadas. Macro olhou em volta, desesperado, e avistou uma ânfora encostada a um canto. Precipitou-se na sua direção, pegou-lhe, arrancou a tampa e reparou de imediato no evidente cheiro a vinho. Aproximou-se das chamas, sentindo o calor que o atingiu como um chicote, e lançou o conteúdo sobre o fogo. O vinho saiu em golfadas, amainando algumas das chamas, mas incapaz de controlar a sua progressão.

— Porra para isto — soltou, enquanto recuava. Pegou na ânfora com as

duas mãos, apontou à parede na zona onde as chamas eram mais alterosas, e atirou-a. O recipiente de barro explodiu, e o vinho espalhou-se pelo estuque e ensopou o colchão que estava no solo. Macro tinha já apanhado uma capa que estava em cima da mesa, e começou a bater as chamas.

Olhou sobre o ombro e avistou Hamedes.

— Dá aqui uma ajuda, gaita!

O sacerdote hesitou um momento, os olhos arregalados de medo, mas depois pegou noutra capa presa num gancho na parede e juntou-se a Macro, tentando abafar as chamas. Quando a última labareda se apagou, o centurião acenou-lhe um agradecimento. Olhou em torno do quarto, ainda repleto de fumo. Um cheiro acre tomou-lhe conta da garganta, e viu-se obrigado a tossir. Largou a capa, dirigiu-se às escadas, empurrando o sacerdote à sua frente, e subiu até ao telhado. Aproximou-se do parapeito de madeira e respirou fundo para tentar limpar os pulmões. A alvorada aproximava-se rapidamente; já se via uma faixa de luz pálida que crescia no horizonte. Graças a essa luminosidade, Macro conseguia distinguir toda a extensão da baía, desde o mangal ainda nas trevas até ao forte, passando pelas águas escuras. Vários vultos tinham surgido no exterior do fortim e olhavam diretamente para a torre. Mais gente surgiu nas muralhas, e depressa se escutou o som de uma trombeta.

— Maldição, viram o fogo. — Macro agarrou o parapeito com força. De imediato avistou um grupo numeroso a deixar os portões do forte. Traziam escudos e armas sortidas — espadas, lanças, machados e arcos. Alguns traziam tochas que rebrilharam quando se lançaram em corrida. Percorriam rapidamente o caminho que levava ao promontório. Macro soprou.

— Agora é que estamos mesmo feitos.

Cato dera ordens para que o *Sobek* entrasse na baía a toda a velocidade, pelo que o tambor na cobertura tinha aumentado de ritmo, fazendo com que o ciclo dos remos acelerasse, para a frente, para baixo e para trás, impelindo o navio pelas vagas. Na escuridão que ainda prevalecia, o sinal de Macro tinha-se destacado com clareza. Mas depois outras chamas tinham surgido, erguendo-se acima da torre e iluminando os rochedos em redor.

— Que raio de brincadeira é esta? — comentou o trierarca. — Assim vai dar cabo da surpresa.

— Alguma coisa correu mal — sugeriu Cato, ansioso. — Quanto tempo falta para chegarmos à entrada da baía?

O trierarca semicerrou os olhos para estimar a distância à costa.

— Uma meia hora, se mantivermos esta velocidade.

— Tanto tempo? — Cato manteve o olhar fixo no promontório. Obrigou-se a afastar a preocupação com o que poderia estar a acontecer a Ma-

cro, e concentrou-se nas questões do tempo. Pela experiência que tinha adquirido nos últimos dois meses, sabia que uma embarcação bem governada se podia libertar duma praia em muito menos tempo. Se Ajax se mexesse depressa, conseguiria colocar os homens a bordo e escapulir-se para o mar aberto antes que a armadilha se fechasse. Não podia permitir que tal sucedesse, resolveu Cato. Virou-se para o trierarca.

— O navio não pode ir mais depressa?

— Pode, senhor. Os homens estão treinados para atingir a velocidade de colisão. Mas não conseguem mantê-la por muito tempo.

— Dá ordem para acelerar.

— Senhor, isso deixará os homens exaustos. E vão precisar de todas as forças quando avançarmos para o combate.

— Se não chegarmos à baía a tempo, não haverá qualquer batalha. É preciso que os teus homens deem tudo o que têm. Percebido?

— Sim, senhor.

— Nesse caso, dá a ordem. E fá-la chegar aos outros navios. Vai!

O trierarca desceu as escadas de um salto e correu pelo convés até chegar à escotilha, de onde podia dar ordens ao marcador do ritmo. Cato escutou como o tambor aumentava a cadência, e o convés estremeceu debaixo das suas botas quando o *Sobek* aumentou de velocidade. A leste, para bombordo, o céu começava a tornar-se róseo, pintando as faces inferiores das nuvens dispersas num tom delicado mas quente. Cato fez força para que a embarcação se movesse ainda mais depressa. As chamas na torre pareciam ter morrido, e não podia deixar de pensar no que teria acontecido a Macro e aos seus homens. Se ainda estavam vivos, estavam por sua própria conta até que os navios entrassem na baía. Enquanto os seus pensamentos se dirigiam ao amigo, começou a avistar um ponto de luz a dançar pelo promontório acima, depois outro, e outro ainda, e percebeu, desalentado, que Ajax e os seus homens já tinham partido em perseguição de Macro e do seu pequeno grupo.

Senhor! — avisou uma voz. — Vêm aí!

Macro correu até à borda da torre e avistou figuras a emergirem dum ponto entre dois rochedos, a uns quatrocentos metros dali. Vinham a correr, e o veterano rapidamente percebeu que ele e os seus homens enfrentavam uma desproporção pesada, de três para um.

— O que vai fazer? — indagou Hamedes. — Eles são muitos, demasiados. Devíamos fugir enquanto podemos. Ou rendermo-nos.

— Render-me? Àquele filho da puta? Nunca! — rosnou Macro em resposta.

— Então será melhor fugir.

— Fugir? Para onde? Estamos numa língua de terra, porra. Não há nenhum sítio para onde possamos fugir, cretino. Cala-te, e dá-me aqui uma ajuda. — Macro correu para uma das balistas e rodou-a de forma a apontar na direção dos atacantes. — Abre aí a caixa de munições — indicou, enquanto apontava para uma arca de aspeto gasto, junto à parede. Enquanto Hamedes pegava num molho de projéteis, pesados, com mais de meio metro de comprimento, de madeira densa e com aceradas pontas de ferro, Macro rodava o manípulo, retesando o espesso cabo que se esticava entre os dois braços da peça. Quando tudo estava preparado, Macro pegou no primeiro projétil das mãos do sacerdote e colocou-o na calha que se estendia na passagem entre as caixas que continham os cordões de torção. O primeiro dos renegados estava a pouco mais de duzentos passos da torre, e Macro tirou o pino que governava a elevação da arma e grunhiu de esforço quando ergueu a plataforma, apontou ao homem e voltou a colcar o pino em posição. Endireitou-se.

— Afasta-te!

Olhou em redor e pegou no manípulo que libertava a roda de torção. Puxou-o de forma brusca e os braços da arma foram projetados para a frente, embatendo contra os amortecedores de couro com um estalido agudo. Macro apressou-se a espreitar, apreciando a forma como o projétil esguio e escuro rasgava o ar da alvorada, aproximando-se dos atacantes. Passou sobre a cabeça do mais adiantado sem que ele se desse conta do perigo,

prosseguiu sobre outro homem antes de atingir o solo, espalhando uma chuva de gravilha e ressaltando até atingir a perna de um dos renegados, rasgando-a e atirando-o ao ar em desalinho, levando-o a chocar com o grupo que o seguia de perto, derrubando-os a todos.

— Ah! — lançou Macro, satisfeito, enquanto preparava apressadamente um novo disparo. — Passa-me mais uma! — Estendeu o braço, mas Hamedes atrapalhou-se momentaneamente, deixando cair o projétil. Teve de se agachar para o procurar, enquanto Macro lhe lançava imprecações. Ao verificar a situação, Macro notou que os assaltantes se tinham espalhado e avançavam agora com mais cautela. Melhor. Tudo o que importava era conseguir tempo suficiente para que os navios de Cato chegassem à entrada da baía. Três dos homens de Ajax rastejavam junto às rochas onde o grupo de Macro estivera escondido; o centurião rodou a arma e disparou. Ouviu-se outro estalo e o projétil silvou pelo ar. Desta vez apanhou o inimigo em pleno peito, lançando-o contra um penedo para cuja base o homem caiu como uma rodilha, de onde sobressaía a haste do projétil que o abatera.

Assim que Macro começou a recarregar a arma, ouviu-se um berro, e os atacantes lançaram-se em corrida, aproveitando o período de preparação do disparo. Macro mal teve tempo de baixar a mira e disparar uma última vez, fazendo o projétil passar sobre as cabeças dos inimigos.

— E pronto. — Afastou-se da balista. — Agora é corpo a corpo.

O mais afoito dos atacantes alcançou a porta e sacudiu-a com força. Pouco resultado conseguiu, uma vez que estava fechada com uma pesada tranca e fortificada com várias sacas empilhadas. Pela altura em que Macro tinha descido e se tinha reunido aos seus homens, que entretanto tinham recolhido os escudos dos rebeldes abatidos na torre, já os primeiros golpes de machado se abatiam sobre as envelhecidas tábuas da porta. No instante seguinte, um golpe mais forte fez estalar uma madeira que se soltou da face interna da porta. Logo outras lascas se seguiram. A madeira estava a estilhaçar-se, e depressa se abriu uma fenda por onde passou a ponta de um machado. Quando este foi libertado, deixou uma abertura por onde Macro, à pálida luz da madrugada, conseguiu avistar os atacantes agrupados no exterior. Mais golpes se abateram sobre a madeira enfraquecida, e já havia mãos a arrancarem pedaços das tábuas.

— Rapazes, não se preocupem — lançou Macro em tom calmo. — Só há uma forma de aqui entrarem. Tudo o que temos a fazer é mantê-los do lado de fora até chegar o prefeito.

Olhou em redor, avaliando os homens que aguardavam na penumbra do interior da torre. Alguns tinham expressões lúgubres nas faces, mas exibiam também uma determinação fria, enquanto outros, mais jovens, revelavam angústia e receio. Era dever de um centurião estar sempre na

linha da frente de uma refrega, de forma a inspirar os seus homens, pelo que Macro abriu caminho até junto da porta, de espada bem aperrada na mão direita. Sacou da adaga e empunhou-a com a outra mão. Um estrondo anunciou que uma secção da porta acabava de ser destruída, e em poucos instantes tudo o que dela restava era uma moldura em ruínas. Os renegados avançaram, concentrando-se junto à porta. Um deles deu um passo e aplicou um pontapé na barreira improvisada com sacas de comida. Empunhava uma lança que apontou a Macro antes de dar uma estocada, com um grunhido. A lâmina em forma de folha dirigiu-se contra ele, e o centurião viu-se obrigado a desviar o golpe enquanto dava um passo para a esquerda. Recuperou o equilíbrio de imediato e ripostou, obrigando o outro a recuar para longe da porta.

— Formem dos dois lados da porta! — gritou Macro. — Abatam-nos de lado à medida que forem entrando.

Enquanto os homens iam ocupando posições em resposta às instruções, o lanceiro voltou a atacar, com a arma bem agarrada e as pernas afastadas, firmando-se na posição. Desta vez dirigiu toda a sua atenção para o centurião, como se estivessem envolvidos num duelo singular. Avaliou Macro com um olhar experimentado, e fez uma finta. Macro fingiu segui-la, apenas para se rir do adversário.

— Não sou assim tão fácil de enganar. Tenta outra vez.

Desta vez a estocada veio sem fintas, e com toda a força. Macro golpeou com a espada o braço do adversário, forçando a ponta da lança a dirigir-se para o solo. A mão que empunhava a adaga deslocou-se, velloz como o raio, e golpeou o antebraço do outro. Este gritou e soltou o cabo, o que permitiu a Macro pisá-lo e prendê-lo contra o chão, enquanto desequilibrava o adversário, forçando-o a cambalear e atravessar a porta num passo quase de corrida, enquanto tentava recuperar o equilíbrio. Mas logo um dos legionários avançou e mergulhou a espada nas costas do oponente, empurrando-o para o lado. Caiu de joelhos e tombou para o solo com um gemido, enquanto o legionário libertava a lâmina com um puxão.

— Rapazes, fomos nós a fazer o primeiro sangue! — anunciou Macro, antes de convidar os rostos que o observavam do exterior. — Venham! Quem é o próximo?

Houve apenas um ínfimo instante de hesitação, mas logo um homem corpulento e armado com uma espada engoliu em seco, nervoso, e fez menção de avançar. Mas antes que alcançasse a entrada, ouviu-se novo grito.

— Afastem-se! Deixem-me passar!

Macro reconheceu de imediato a voz, e um arrepio frio percorreu-lhe a espinha. Os homens à sua frente afastaram-se, criando um pequeno espaço

junto à entrada. Foi aí que surgiu um indivíduo alto e poderoso, de vinte e poucos anos, o cabelo escuro a cair-lhe pelos ombros. Numa das mãos empunhava uma espada curta, na outra um pequeno escudo redondo. O corpo era protegido por uma couraça de cor negra, decorada com floreados prateados. Os lábios do jovem retorceram-se num sorriso frio.

— Centurião Macro. Ora, que agradável surpresa. Devia ter adivinhado que andava atrás de mim.

— E agora que te encontrei, vou matar-te — ripostou Macro, por entre dentes.

— A sério? — Ajax aproximou-se, mantendo o olhar fixo em Macro. — Nesse caso, porque é que não vem até aqui fora? Vamos acabar com isto, homem a homem.

Macro sentia uma vontade ardente de enfrentar o gladiador. O desejo de sangue corria-lhe pelas veias e ameaçava toldar-lhe o julgamento. Cerrou os dentes e encarou o homem que o tinha atormentado das formas mais cruéis, havia apenas três meses.

— Então, o que se passa? — gozou Ajax. — Se calhar, não é homem suficiente para me enfrentar?

Macro deu meio passo, quase atravessando a ombreira, mas conteve-se a tempo.

— Olha, tenho outra ideia melhor — disse, em tom neutro. — Porque não vens tu cá para dentro, e resolvemos o assunto aqui?

Ajax soltou uma gargalhada gelada.

— Ora bem, parece que estamos num impasse. Uma pena, ia apreciar a oportunidade de o humilhar à frente dos seus homens. — Baixou a espada. — Vamos lá então resolver isto à bruta. — Recuou um passo e virou-se para os seus seguidores. — Escudos à frente!

Em resposta, uma meia dúzia de renegados avançou. Três deles juntaram-se, sobrepondo os escudos. Os outros colocaram-se de forma a proteger os flancos; Ajax chamou mais homens e começaram a aproximar-se da porta.

Macro percebeu que tinha terminado o período para a brincadeira. A refrega ia tornar-se uma competição de força bruta, e Ajax e os seus homens eram dos mais poderosos e rijos adversários que alguma vez enfrentara.

— Legionários, comigo! — gritou, enquanto pegava num escudo. — E depressa, porra!

Os homens apressaram-se a rodeá-lo, criando uma formação com os escudos emparelhados e as espadas em riste, como tinham sido treinados para fazer num combate corpo a corpo.

— Preparar! — Macro deu a ordem e começou a marcar o passo enquanto avançava para a porta. — Um... Dois....



Os dois lados encontraram-se no lado de dentro da ombreira, e Macro lançou de imediato todo o seu peso por trás do escudo, enquanto firmava as botas contra as sacas de cereais que se tinham espalhado pelo chão. Os seus homens pressionavam também, e o centurião ouvia perfeitamente as respirações pesadas e os grunhidos de esforço que o rodeavam enquanto romanos e rebeldes faziam força, tentando empurrar os inimigos. Os que estavam nas primeiras linhas estavam aprisionados entre os escudos e os homens que empurravam por trás. Macro estava consciente de que aquele era um embate entre a força bruta dos renegados e a técnica das legiões. Durante alguns momentos, ambos os lados empurraram com todas as suas forças, e então Macro sentiu que a saca onde apoiava o pé direito começava a ceder. Tentou reajustar a posição do pé, mas a saca rompeu-se e os grãos soltos ofereciam pouca tração. Pouco a pouco foi sendo empurrado, e uma brecha começou a surgir entre o seu escudo e o do homem à sua esquerda. De imediato uma ponta de espada irrompeu pela abertura, mas por felicidade atingiu apenas o ar antes de ser puxada para trás.

— Cuidado! — avisou Macro. — Cerrar fileiras.

Os legionários esforçaram-se para avançar, pressionando o inimigo.

— Força! — gritou Ajax do outro lado. — Empurrem! Vamos, rapazes, destroquem-nos. E depois matem-nos a todos.

Mais uma vez os corpos se encaixaram uns contra os outros na estreita passagem. Macro virou-se para um dos legionários ainda fora da formação.

— Tu! Ataca-lhes as pernas, vá! Corta-os!

O legionário compreendeu a ideia e pôs-se a rodear o magote, procurando uma abertura e apontando cuidadosamente até que a ocasião se propiciou; lançou a ponta da espada para a frente e acertou na perna de um inimigo. O outro soltou um urro de dor e recuou quase por instinto, criando uma brecha na muralha de escudos que se oferecia aos romanos. Macro aproveitou para forçar a passagem por entre dois dos inimigos, lançando a espada em ângulo contra o dorso do homem à sua direita. Não foi um golpe letal, mas rasgou-lhe a carne e lacerou-lhe as costelas, e o tipo caiu, gemendo.

Enquanto os romanos lutavam para afastar da porta o último dos inimigos, ouviu-se um grito por trás da força rebelde.

— General! General Ajax!

Ajax, na terceira fila dos seus homens, olhou para trás e viu alguém a aproximar-se em corrida, dirigindo-se para junto do grupo envolvido na escaramuça.

— Aqui!

Saiu da confusão e esperou pelo mensageiro, o peito a arfar devido ao esforço.

— O que se passa?

— Senhor, aproximam-se navios de guerra. Uma série deles. Dirijam-se diretamente para a entrada do porto.

— A que distância estão?

— Uma milha, talvez menos.

Ajax virou-se, tentando localizar Macro enquanto franzia o rosto, frustrado.

— Maldição! Não temos tempo para isto — rosnou. Olhou para o centurião com ódio cego, antes de recuperar a compostura. — Rapazes, recuem. Recuem. Regressem aos navios. Depressa! Temos de sair daqui!

Os homens de Ajax recuaram em desalinho, e Macro sentiu a pressão sobre o escudo a desvanecer-se, forçando-o a dar alguns passos em frente para se reequilibrar. Agachou-se, de escudo erguido e espada a postos, respirando com dificuldade. Os seus olhos cruzaram-se com os de Ajax, a pouco mais de três metros de distância. O gladiador esticou o braço, apontando diretamente para ele.

— Ainda não acabou! Zeus é minha testemunha, a sua cabeça será separada do seu corpo pela minha espada.

Virou-se então e juntou-se aos homens que abandonavam as proximidades da torre, afastando-se lentamente até ter espaço para se virar e correr. Macro ficou a vê-lo afastar-se, de coração pesado. Se Cato e os seus navios conseguissem alcançar a entrada da baía a tempo de impedir a fuga de Ajax, o momento de resolver definitivamente aquela contenda estava muito próximo, refletiu. Esperou até que o último dos rebeldes se afastasse ao longo do caminho para se voltar a endireitar, baixar o escudo e soltar a tensão dos músculos. Virou-se para o mar e avistou com nitidez os navios da frota de Alexandria a vogarem rapidamente para a costa, à força de remos.

Quando o *Sobek* se aproximou da extremidade do promontório, já o Sol tocava o horizonte. A costa era banhada por uma luz amarelada e quente que se derramava sobre as velas escarlates dos navios, intensificando-lhes a cor. O trierarca debruçava-se sobre a proa do navio, tentando descortinar quaisquer baixios que pudessem pôr a embarcação em perigo. O mar estava calmo, e só uma quase impercetível ondulação molhava os rochedos da costa. Cato tinha posto a armadura, e usava a capa vermelha e o capacete emplumado, já preparado para a batalha que se avizinhava. Subiu à torre no castelo da proa e contemplou a costa. As últimas centenas de metros do promontório eram muito baixas, e da sua posição elevada Cato conseguia ver as copas das palmeiras do outro lado da baía. Tinha visto o inimigo a retirar da torre de vigia, e temera pela sorte de Macro e dos seus homens. Mas pouco depois a sua vista apurada distinguira a crista transversal de um capacete no cimo da torre, e tivera a certeza que o amigo tinha sobrevivido.

— Senhor! — gritou o vigia da sua posição lá no alto, empoleirado na verga. Apontou para trás do promontório. — Eles estão a movimentar-se!

Cato olhou na direção indicada, mas se não estivesse concentrado nas formas do navio inimigo, facilmente teria perdido a cena. Uma minúscula faixa sombria contra a neblina que permanecia sobre a costa. Um mastro. Depois reparou noutro, a curta distância do primeiro. Ajax estava a tentar a fuga. Ao olhar em frente, Cato percebeu que o promontório fazia uma curva e calculou, exasperado, que o gladiador era bem capaz de chegar à entrada da baía antes do *Sobek*.

— Acelera! — gritou ao trierarca. Phermon olhou para cima e abanou a cabeça.

— Senhor, os homens passaram a última hora a remar a toda a velocidade. Estão derreados.

— Quero lá saber disso. Dá ordens para aumentarem o ritmo.

— Não podem — retorquiu o trierarca com firmeza. — Senhor, as suas determinações fizeram com que eles agora estejam completamente esgotados.

Cato rangeu os dentes, furioso. O trierarca tinha razão. Tão desesperado estivera para alcançar a baía o mais depressa possível que agora, quando a situação se tornava crítica, os remadores já não dispunham de qualquer reserva de força. Os homens de Ajax, em contrapartida, estavam frescos; ao avaliar as posições dos mastros dos navios inimigos, tornava-se evidente que estavam a ganhar terreno. Para aumentar a sua frustração, eram eles que tinham a vantagem de fazer a curva por dentro enquanto cruzavam a baía a caminho da ponta do promontório. Aplicou um murro na amurada, frustrado. Respirou fundo, e quando falou de novo ao trierarca, fê-lo num tom controlado.

— Pede aos teus homens que deem tudo o que for possível. Tudo o que lhes peço é um derradeiro esforço.

— Sim, senhor. — O trierarca fez uma saudação rápida e dirigiu-se para a escotilha principal, para descer à coberta e incentivar os seus homens.

Cato dedicou de novo atenção aos dois mastros que se adiantavam ao *Sobek*, do outro lado do promontório. Daí a pouco passariam ao lado da torre de vigia, bem perto de alcançarem mar aberto e de novo escaparem. Os navios romanos tentariam a perseguição, claro, mas só um milagre poderia impedir a fuga de Ajax e dos seus homens, concluiu Cato com amargura.

Um leve movimento atraiu-lhe o olhar, e reparou numa fina coluna de fumo sobre a torre de vigia. Primeiro parecia um turbilhão, mas depressa se transformou num penacho estável, que se erguia no ar claro da manhã. Cato franziu o sobrolho perante este novo desenvolvimento, mas Macro e os seus homens deviam estar em completa segurança, agora que o inimigo só pensava na fuga. Podiam permitir-se deixar a torre arder de alto a baixo. Mas enquanto esses pensamentos lhe percorriam a mente, reparava que o fumo era localizado, e não provinha de um incêndio generalizado. Pouco depois avistou um clarão, e um rasto de fumo descreveu um arco que começou no cimo da torre e se dirigiu para os dois navios que se aproximavam pelo interior da baía. Depressa se lhe juntou outro rasto, e só então Cato percebeu o que se estava a passar.

— Balistas. — Sorriu para si mesmo. — O Macro está a usar projéteis incendiários. Sacana espertalhão.

Macro manteve uma barragem de projéteis em chamas dirigida aos dois navios inimigos; daí a pouco começou a espalhar-se algum fumo negro, e Cato verificou que os navios tinham mudado de rumo, já que se viam obrigados a afastar-se da margem para evitar os disparos provenientes da torre. Mas o fumo denunciava o facto de que um dos navios já tinha sido atingido. Cato agarrou com toda a força a balastrada da torre e continuou

a observar. Por baixo dos pés detetou alguma oscilação, resultado do último esforço dos remadores. Quando o trierarca regressou à proa, já a ponta rochosa se divisava com clareza, e Cato percebeu que a competição tinha terminado. Forçados a desviar-se pelo ataque congeminado por Macro, Ajax e os seus navios já não conseguiriam alcançar o mar aberto com vantagem suficiente para conseguirem escapar.

— Vamos apanhá-los, senhor. — O trierarca sorriu.

— Assim parece — assentiu Cato, com toda a calma que conseguiu reunir. — Os fuzileiros que se preparem.

O promontório ia ficando mais raso à medida que avançava pelo mar dentro, e terminava numa ponta arenosa quase insignificante que o *Sobek* deixou para trás antes que o trierarca desse ordens ao timoneiro para virar de bordo e entrar na baía. Da torre, Cato avistava perfeitamente os dois navios que vinham contra o seu, agora já a menos de um quarto de milha. À direita seguia a embarcação que Ajax capturara quando da sua fuga de Creta. A outra era o *Thoth*, e era deste que se soltavam rolos de fumo com origem no fogo que lavrava no convés. Homens atarefavam-se a recolher água do mar em baldes, para a lançarem sobre o incêndio que ameaçava devorar o navio. Ainda assim, a tripulação ocupava os seus lugares aos remos, e o navio vogava a boa velocidade, rasgando a água com o aríete e fazendo-a deslizar ao longo do costado. Cato esforçou a vista, tentando detetar a presença de Ajax num dos navios. Havia demasiado fumo e demasiados vultos a mexerem-se no convés do *Thoth* para que fosse possível identificar ou até fixar um deles com a vista, pelo que se concentrou no outro navio. Na torre da frente seguia um punhado de arqueiros, e no convés aguardavam mais homens armados. Então, à medida que a distância entre os navios diminuía, Cato avistou uma figura a abrir caminho até à proa; era um homem alto e poderoso, que envergava uma couraça negra decorada, e um elmo fortemente polido com uma crista de vistosas penas negras.

— Ajax — murmurou Cato para si mesmo. O seu coração endureceu e esqueceu qualquer resquício de misericórdia ao contemplar o escravo rebelde que tanta morte e sofrimento causara. Pensou em Júlia, e nas humilhações que ela sofrera às mãos do gladiador. Os punhos do jovem cerraram-se com toda a força, e deu uma rápida ordem a Phermon.

— Atacamos a embarcação que segue à direita. A outra está já em chamas, deixemo-la arder.

— Sim, senhor. — O trierarca levou a mão em concha à boca. — Timoneiro! Ruma ao navio a estibordo!

O homem colocou o seu peso sobre o timão, e o navio começou a virar de bordo até se fixar na rota pretendida, diretamente a proa da embarcação inimiga. Cato contemplou Ajax e levou a mão ao punho da espada. Era

uma pena que Macro não estivesse ali ao seu lado para partilhar a tão esperada vingança, pensou. Poucas dúvidas tinha de que Ajax e os seus seguidores prefeririam morrer em combate a serem capturados e virem a sofrer uma morte humilhante e penosa na cruz.

— Senhor, desculpe — disse uma voz, e Cato regressou à realidade, reparando num fuzileiro que tinha subido à torre, com um arco e uma aljava repleta de setas. Outros dois homens se lhe juntaram, e Cato desviou-se para um canto para lhes dar espaço. Viu que no navio inimigo os arqueiros também preparavam as armas e assestavam os arcos para dispararem em curvas pronunciadas, considerando a trajetória convergente dos dois navios pela tranquila superfície das águas na baía. Dispararam uma primeira salva e Cato observou impassivelmente as pequenas hastes negras subirem bem alto, pairarem uns breves instantes e mergulharem na direção do *Sobek*. A maior parte tombou na água, a uns vinte passos à frente da proa, fazendo um som característico enquanto levantavam um minúsculo cachão de água. Uma atingiu a frente do navio com estrondo, fazendo estremecer a madeira. A rajada seguinte atingi-los-ia em cheio, compreendeu Cato.

— Senhor, quer que ripostemos? — perguntou um dos fuzileiros.

— Não. Poupem as munições até ao momento em que não possam falhar. — Cato inclinou-se sobre a amurada e dirigiu-se aos legionários que se amontoavam na base da torre. — Homens! Escudos ao alto!

Olhou sobre o ombro. O navio romano mais próximo estava naquela altura a rondar o promontório e os outros seguiam-no, mas nenhum conseguia acompanhar o *Sobek*. Entretanto, a tripulação do navio inimigo em chamas tinha compreendido que a fuga era impossível e invertera o rumo, afastando-se das galeras e atravessando a baía no que parecia uma tentativa fútil de evitar a perseguição.

Uma série de estalidos obrigou Cato a redirigir a atenção para o navio de Ajax. A segunda rajada de flechas tinha chegado ao seu destino, caindo sobre a proa e sobre os escudos mantidos em posição pelos legionários. Felizmente ninguém tinha ainda sido morto ou ferido. O navio inimigo estava agora a não mais de cem passos de distância, e Cato avistava claramente Ajax e os seus homens a prepararem as armas para o combate.

— Vamos apanhá-los por estibordo! — gritou o trierarca ao timoneiro, que procedeu a um pequeno ajustamento no rumo, o suficiente para afastar o *Sobek* da ponta do aríete do outro navio. — Preparem-se para a colisão!

Cato agarrou-se à balaustrada e firmou os pés no convés. Em redor, os membros da tripulação apressavam-se a fazer os preparativos para o choque iminente. Uma última rajada de setas vindas do navio inimigo provo-

cou um grito de dor, quando uma ponta metálica trespassou o pescoço de um dos homens na torre. Cato deitou-lhe uma olhadela, vendo-o tombar para o chão, o sangue a esguichar de uma artéria rasgada. Nada podia ser feito por ele, e Cato concentrou-se no que via à sua frente.

— Recolher remos! — berrou Phermon, e seguiu-se um frenético coro de pancadas e rangeres, à medida que a tripulação recolhia as pás para o interior do casco.

A ponta do ariete do *Sobek* acertou na proa do navio inimigo, e o choque violento fez os homens cambalearem. Os dois arietes tinham conseguido apenas golpes rasantes, e as duas embarcações começavam agora a deslizar uma pela outra. O comandante inimigo não tinha dado ordem para recolher os remos, pelo que as hastes de madeira começaram a ser esmagadas e a estilhaçarem-se, à medida que o *Sobek* avançava.

— Baixem o corvo! — gritou Cato ao decurião dos fuzileiros. — Depressa, homem!

Os fuzileiros apressaram-se a recuperar o equilíbrio, e começaram a manobrar a prancha para fora, por cima do navio inimigo. O comandante dos rebeldes alertou os seus arqueiros para o perigo, e estes depressa começaram a alvejar os fuzileiros. Os soldados não se podiam defender enquanto manejavam o corvo, e a sua vulnerabilidade ficou bem à vista quando dois deles tombaram rapidamente, abatidos pelos projéteis inimigos que choviam sobre o convés. Logo a seguir outro homem gritou de dor quando viu o braço trespassado por uma seta inimiga.

— Soltem-no! — berrou o decurião, assim que a ponta metálica do engenho foi posicionada sobre o convés do navio inimigo. Os homens deixaram correr a corda, que passou velozmente pela roldana enquanto a prancha mergulhava com estrondo. Os rebeldes saltaram para todos os lados, tentando evitar o esmagamento ou mesmo serem empalados pelo gancho metálico, que rasgou o convés e se cravou profundamente no coração da embarcação. Houve uma sacudidela, seguida do gemer da madeira quando a maciça base do corvo recebeu e amorteceu toda a tensão devida ao movimento relativo dos dois navios.

— Grupo de abordagem, avançar! — gritou o decurião, enquanto empunhava a espada e corria pela prancha, a caminho do convés inimigo. Os seus homens seguiram-no, de escudos erguidos e espadas em riste. Os arqueiros inimigos lançaram mais algumas rajadas, mas a maior parte das flechas foi detida pela paliçada lateral que protegia a prancha do corvo. Outras falharam por completo o alvo, arqueando sobre o *Sobek* e caindo inofensivas no mar.

Cato virou-se para os arqueiros na torre e apontou-lhes os adversários.

— Abatam aqueles homens!

Os fuzileiros assestaram rapidamente os arcos, apontando, sustendo a respiração e soltando os seus projéteis a silvar pelo ar contra os homens de Ajax. Cato viu com satisfação quase selvagem a forma como um dos arqueiros inimigos era atingido por duas setas e tombava de costas sem remissão.

— Bom trabalho! — Deu um murro na amurada. — Continuem.

Deixou-os no seu trabalho, saltou para o convés e pegou no escudo oval de fuzileiro que tinha arranjado nos armazéns de material do *Sobek*. Virou-se para os legionários que aguardavam, formados no convés principal.

— Sigam-me. Se for possível, façam prisioneiros.

Subiu para a prancha do corvo e avançou. Na outra ponta ainda estavam alguns fuzileiros, à espera de terem espaço no convés para se juntarem à refrega. O ar estava repleto de choques metálicos e do ranger das lâminas, bem como dos sons de embates de lanças e espadas contra a madeira dos escudos. Alguns homens, mais excitados, gritavam desafios. Cato estremeceu quando uma ponta de ferro de uma seta trespassou uma tábua lateral do corvo, mas prosseguiu sem hesitar, de cabeça baixa para reduzir o tamanho do alvo que pudesse tentar algum arqueiro inimigo ainda ativo. Embateu nas costas de um fuzileiro, e espreitou para verificar se havia algum inimigo ao seu alcance. O convés do outro navio estava apinhado de homens envolvidos num caos sanguinolento.

— Mexe-te! — ordenou Cato. — Avança para o combate!

O homem olhou de relance para trás e anuiu sem esconder os nervos, antes de saltar da prancha e se envolver na confusão. Cato deu um passo e estacou, para avaliar bem a situação. Os seus olhos percorreram a massa ondulante de homens, capacetes e espadas rebrilhantes, e manchas de sangue. Avistou então a crista negra do capacete de Ajax ao pé do mastro, onde o gladiador desferia golpes incessantes no escudo de um fuzileiro. O ataque obrigou o homem a recuar, até que Ajax desviou o escudo do outro com um pontapé e lhe espetou a espada no rosto.

Um estremeção frio de receio percorreu-lhe a espinha, mas Cato obrigou-se a avançar para o convés, e começou a abrir caminho para junto do mastro.

— Legionários, comigo!

Os soldados romanos começaram a rodeá-lo enquanto passava sobre corpos derrubados, até que um espaço se abriu à sua frente. Um oriental encorpado, com o longo cabelo apanhado por trás da nuca, enfrentou-o, com um machado ensanguentado numa mão e uma adaga curva na outra. Assim que os seus olhos se fixaram em Cato, saltou para a frente com um rugido enquanto erguia o machado. Cato levantou o escudo e amparou o



golpe com a orla superior. O impacto rasgou o metal, levando o machado a enterrar-se profundamente na madeira da parte central. O choque fez-se sentir no ombro esquerdo do jovem. Antes que pudesse reagir, o outro libertou o machado e, ao mesmo tempo, rodou a mão esquerda, tentando atingir o lado desprotegido de Cato. A lâmina atingiu a armadura e escorregou para baixo, rasgando uma dobra da túnica.

— É a minha vez — reclamou Cato por entre dentes, usando o escudo para empurrar o outro. A bossa atingiu as costelas do homem, fazendo-o soltar o ar dos pulmões. Cato insistiu com um golpe de espada. Mesmo sem fôlego, o renegado evitou o golpe com agilidade e recuperou a posição, de machado e faca a postos, enquanto tentava voltar a respirar normalmente. Nesse momento outro dos rebeldes cambaleou e veio chocar contra o camarada, fazendo-o perder o equilíbrio. Enquanto ele se esforçava por se firmar de novo, Cato carregou, atingindo-o de novo com o escudo e empurrando, obrigando-o a recuar, até que o homem tropeçou num cadáver e se estatelou no convés. Cato aproveitou para lhe rasgar o ventre, e usou a borda inferior do escudo para lhe apertar a garganta, esmagando a traqueia.

Libertou a lâmina e prosseguiu. Olhou rapidamente para os lados e percebeu que os legionários avançavam ao seu lado. Muitos dos homens de Ajax eram realmente duros, mas não tinham o treino de combate dos legionários, e não estavam à sua altura. Os atacantes já tinham varrido a popa do navio e o combate estendia-se numa linha pouco definida que atravessava o convés. Passo a passo, Ajax e os seus homens estavam a ser empurrados para a estreita proa. Cato notou que nem um de entre eles tinha baixado as armas e se tinha rendido.

Avistou de novo a crista negra, a pouco mais de três metros do ponto onde se encontrava, e avançou, aparando um golpe com o escudo. O adversário recolheu a espada e voltou a golpear, mas o legionário à esquerda de Cato empurrou-lhe a lâmina para o convés com a sua arma. Continuando com o movimento, ergueu a ponta e atingiu o outro no estômago, dilacerando-lhe órgãos vitais.

Não havia tempo para mais do que acenar em agradecimento, já que Cato se viu obrigado a empurrar de novo com o escudo para desviar um oponente, e então viu-se finalmente face a face com Ajax. O gladiador usava um capacete romano com grandes guardas laterais que lhe obscureciam grande parte do rosto. No queixo tinha uma penugem escura, e os grandes olhos escuros arregalaram-se quando avançou para atacar o oficial romano. O gume da espada desceu na direção da cabeça de Cato, que elevou o escudo para bloquear a cutilada. O gladiador esperava isso mesmo. A espada mudou de direção na descida, descrevendo um arco e atingindo Cato no

ombro. O desvio tinha-lhe tirado alguma potência, mas ainda assim Cato sentiu o golpe e perdeu o equilíbrio, enquanto o braço e os dedos perdiam a sensibilidade e quase deixavam escapar o escudo.

— Merda... — Agachou-se e avançou, pondo o ombro atingido à frente; encostou-se ao escudo, forçando-o contra o gladiador. O outro era forte e poderoso, e deixou-se empurrar, absorvendo o impacto. Ripostou usando o pequeno escudo para enganchar no de Cato e o afastar com um puxão. Cato mal teve tempo para recuperar e recuar um passo, fazendo a espada do outro passar-lhe a um palmo do rosto. Por um momento apenas, o braço direito de Ajax foi levado pelo ímpeto do golpe, e Cato aproveitou a ocasião, golpeando o ombro do outro e abrindo-lhe uma ferida com muitos centímetros de extensão nos músculos. Ajax rugiu de dor e fúria, e tentou apanhar Cato com um movimento inverso da espada. Cato abaixou-se num repente e voltou a atacar, desta vez ao joelho do inimigo, estilhaçando ossos e rasgando ligamentos. Ajax cambaleou para o lado, e um dos legionários saltou para a frente e cravou-lhe a espada profundamente no sôvaco. Cato ouviu uma costela a estalar, e um grunhido saltou dos lábios de Ajax quando a lâmina lhe perfurou os pulmões e depois o coração. O corpo ficou imóvel de repente, antes de tombar como um saco, com o rosto na madeira do convés. O legionário colocou uma bota nas costas da couraça do gladiador e puxou a espada, olhando de imediato em redor em busca de novo adversário.

Cato parou e contemplou o cadáver, ainda atônito. O seu arqui-inimigo estava morto. A perseguição terminara. Mas não completamente. Forçou-se a sair do aturdimento e olhou em volta. Havia corpos espalhados sobre as pranchas do convés, e poças e espirros de sangue manchavam a madeira. Restava apenas um punhado de rebeldes, empilhados no espaço cada vez mais apertado da proa, a combater como maníacos, sem parar de lançar desafios na face dos fuzileiros e legionários.

Cato abriu a boca para falar, mas estava com a garganta completamente seca, e a voz falhou-lhe. Engoliu em seco, lambeu os lábios e tentou novamente.

— Recuar! Romanos, recuar!

A maior parte dos fuzileiros e legionários ouviram a ordem e obedeceram, afastando-se do inimigo. Um punhado de homens, empolgados, prosseguiu, sendo obrigados a recuar pelos camaradas. O decurião teve de dar com a folha da espada no capacete do último dos seus homens para lhe chamar a atenção. Ouviu-se um derradeiro entrechoque de espada e escudo, e depois reinou apenas o som das respirações ofegantes, e os gemidos e gritos dos feridos.

— Abram caminho! — gritou Cato, e os homens que estavam entre ele

e os sobreviventes da tripulação rebelde afastaram-se. Apontou o corpo de Ajax com a espada. — O vosso chefe está morto. Larguem as vossas armas e rendam-se!

Deu-se uma breve pausa até que um dos renegados soltou uma gargalhada e brandiu a espada contra o céu.

— Viva Ajax! Morte a Roma!

Os companheiros pegaram no grito e imitaram-no. Cato observou-os com toda a calma, esperando que o silêncio regressasse. Mas eles continuaram a gritar, e acabou por olhar para o decurião.

— Acabem-lhes com a raça!

O decurião anuiu, ajustou a pega do escudo e da espada, e lançou um brado.

— Fuzileiros! Avançar!

Os homens voltaram a cerrar fileiras, com expressões determinadas e impiedosas, e avançaram sobre os últimos dos renegados. Estes abandonaram as suas aclamações e prepararam-se para enfrentar o fim, decididos a matar todos os romanos que pudessem antes de serem abatidos.

Depressa a refrega terminou, já que os fuzileiros avançaram em formação cerrada, escudos sobre escudos, de espadas aperradas e prontas a trespassar qualquer inimigo próximo. Os rebeldes tentaram ripostar, lançando golpes desesperados sobre a muralha de escudos, mas depressa os sons dos seus golpes foram substituídos pelos gritos dos feridos, até que se ouviu um último brado de “Viva Ajax, agora e sempre!”, e por fim o silêncio imperou. Os fuzileiros, salpicados de sangue, olharam em volta para o amontoado de corpos na proa do navio, confirmando que já não existia nenhum adversário vivo. Cato suspirou, fatigado, enquanto tirava o capacete e enxugava a testa. A revolta dos escravos, que começara em Creta, tinha finalmente terminado. Não havia pontas soltas, apenas uma última tarefa, a de tomar o outro navio, que ainda ardia enquanto se dirigia para o mangal do outro lado da baía. Não tinham qualquer possibilidade de escapar para o oceano, e não tinham fuga possível assim que os outros navios romanos os encurralassem contra o mangal.

O braço esquerdo doía-lhe tremendamente, já que a dormência estava a passar, e Cato remexeu os dedos com tremendo esforço, tentando recuperar alguma sensação no membro. Embainhou a espada e avançou por cima dos cadáveres, até junto de Ajax. Ajoelhou-se, pegou no ombro do homem e fê-lo virar-se. A cabeça, ainda presa no capacete, rebolou sem vida, escondendo-se de Cato enquanto o corpo amolecido se moldava ao convés. O jovem soltou as tiras que prendiam o elmo e por fim, agarrando na crista negra, puxou-o, pondo a descoberto o rosto do inimigo abatido.

— Não... — Franziu o sobrolho quando contemplou aquela face, os olhos abertos que já não o viam, a boca ligeiramente aberta. — Não... NÃO!

Furioso, Cato lançou um último olhar ao cadáver, atirou o capacete para o lado e levantou-se. À sua volta, legionários e fuzileiros olhavam-no sem entender o que se passava com o prefeito. Cato levou a mão à testa e esfregou-a, frustrado, enquanto voltava a olhar para baixo. O morto tinha uma constituição física semelhante à de Ajax, tinha também o cabelo escuro, mas toda a aparência acabava aí. Cato respirou fundo e virou-se para contemplar amargamente o outro navio que se dirigia ao outro lado da baía, fazendo revoltear o fumo. Tinha sido enganado. Ajax ainda vivia.